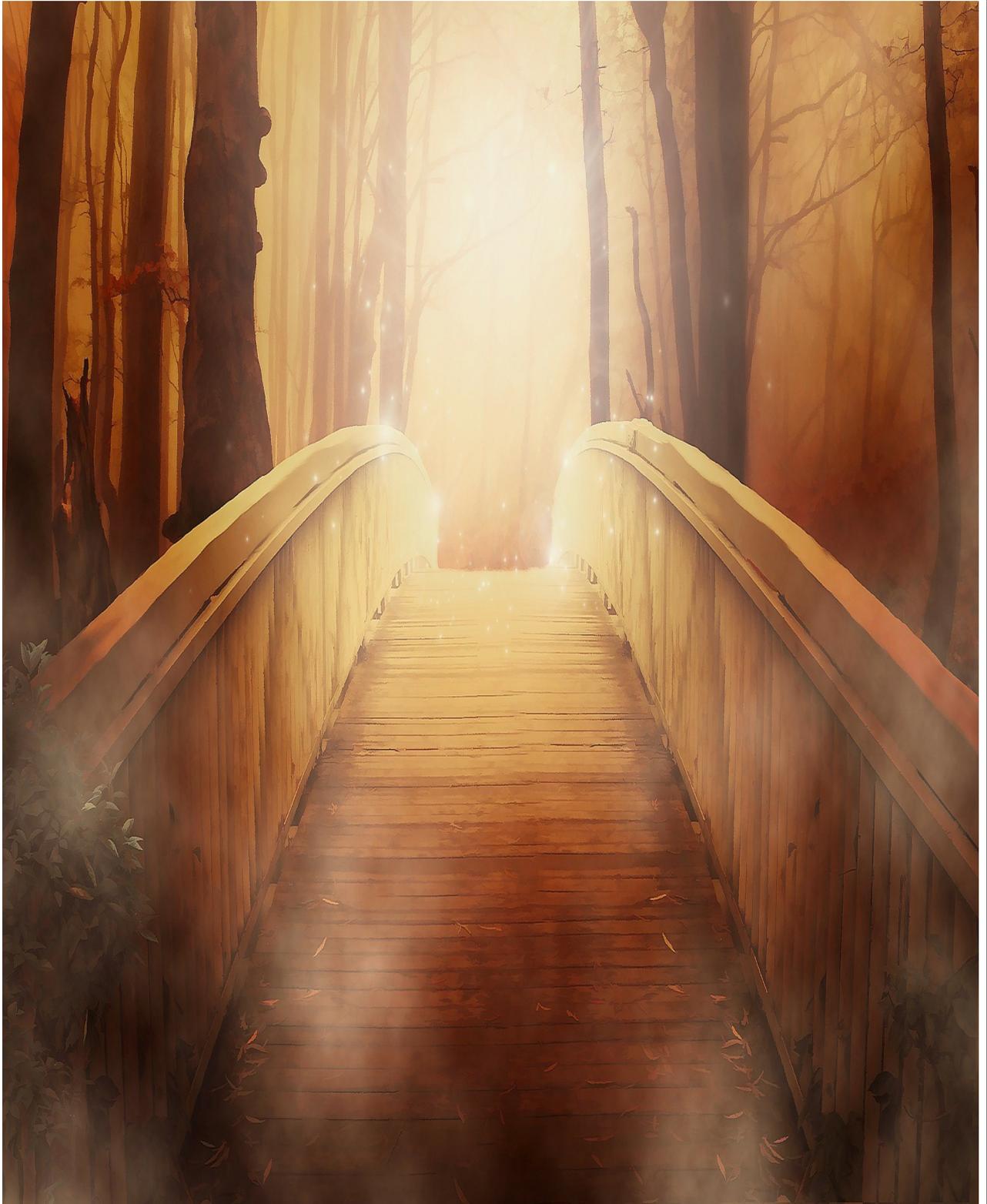


www.harmonianet.org

EXPERIÊNCIAS EXTRAFÍSICAS IV



PABLO DE SALAMANCA

2019

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. O presente trabalho, “Experiências extrafísicas IV”, é o 22º livro que se concretiza pelas mãos de Pablo. Atualmente, neste início de 2019, 21 livros já eram disponibilizados por Pablo ao público: Sabedoria em versos (2001), Depoimentos do Além (2005), Vidas em versos (2005), O Trabalhador do Umbral (2007), Experiências extrafísicas (2008), Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso (2009), Reflexões (2009), Experiências extrafísicas II (2010), Percepções (2011), Sonetos para refletir (2011), Espiritualismo em foco (2012), Faces da projeção astral (2012), Novas percepções (2013), Experiências extrafísicas III (2013), Vivências (2014), Projeção astral: perguntas e respostas via Internet (2014), Guardiã (2014), Viagem astral: relatos comentados (2015), Vivências de Umbanda (2016), Umbanda e experiências fora do corpo (2017) e Aqui e Além - Crônicas de Umbanda (2018).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é uma arte de **Larisa-K**, de uso inteiramente livre, retirada do *site* <https://pixabay.com/pt/> (acesso em 28/07/2017).

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* www.harmonianet.org, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* contato@harmonianet.org, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

Introdução	1
<u>PARTE 1 - Informações gerais</u>	3
Fatores interferentes na rememoração de viagens astrais	4
Projeção astral e uso de drogas	6
Lucidez extrafísica	10
<u>PARTE 2 - Relatos de viagem astral</u>	12
Relato 1 – Projeção e falso despertar	13
Relato 2 – Saída estratégica através de voo	14
Relato 3 – Moradores na casa vazia	15
Relato 4 – A surpresa	17
Relato 5 – Encontro agradável	19
Relato 6 – A família do zelador	20
Relato 7 – Reunião com parentes projetados e confirmação	21
Relato 8 – Influência sobre uma pessoa	22
Relato 9 – Espetáculo instrutivo no Astral	24
Relato 10 – Assistencialismo e debilidade orgânica	26
Relato 11 – Estrelas	27
Relato 12 – Mudando de dimensão	29
Relato 13 – Obsessor na casa	30
Relato 14 – “Bairros” de localidade no Astral	31
Relato 15 – Lutando por lucidez	33
Relato 16 – Criança com dificuldade	34
Relato 17 – Viagem astral a Madureira?	35
Relato 18 – Trabalho mediúnico no Mundo Extrafísico	37
Relato 19 – Trabalho terapêutico no Astral	39
Relato 20 – Intuído para ajudar	40
Relato 21 – Passeio energizante	42

Relato 22 – Assédio pré-carnavalesco	43
Relato 23 – Casos extraconjugais e aprendizado	44
Relato 24 – A grande captura	46
Relato 25 – O “baixinho”	47
Relato 26 – Ouvindo um desabafo	49
Relato 27 – Antevéspera de trabalho no centro	51
Relato 28 – O susto evitado	53
Relato 29 – Envelopamento ectoplásmico	54
Relato 30 – Entidades em trabalho	57
Relato 31 – Encontro com humorista desencarnado	58
Relato 32 – Reencontrando um tio falecido	61
Relato 33 – Atração negativa	61
Relato 34 – O prédio com luminosidade solar	63
Relato 35 – Projeção após cartomancia	65
Relato 36 – Recuperação de tio desencarnado	66
Relato 37 – O trem de prata	67
<u>PARTE 3 - Conclusão</u>	70
Um estudo empírico	71
Palavras finais	76

INTRODUÇÃO

Caros amigos, embora este livro seja continuação do “Experiências extrafísicas”, do “Experiências extrafísicas II” e do “Experiências extrafísicas III”, ele poderá ser lido sem que se tome conhecimento de seus antecessores, pois não haverá maior dificuldade de entendimento. Contudo, recomenda-se a prévia leitura dos três primeiros livros desta série, sobretudo para quem não tenha intimidade com o assunto “projeção astral”, de forma a se atingir uma compreensão maior sobre o tema.

O objetivo primordial deste livro, assim como o de seus predecessores, é o compartilhamento das experiências que tive com relação à projeção astral, de forma a estimular outras pessoas a tentarem a saída lúcida de seus corpos físicos. Realizar viagens astrais com constância me foi bastante benéfico e esclarecedor, permitindo-me uma expansão de consciência, que me fez enxergar o mundo com outros olhos. Tive maior compreensão sobre a vida e a morte, percebendo, claramente, que esta última não existe. O falecimento do corpo material é apenas uma transformação, uma passagem para outras dimensões de vida. A vida é um processo contínuo!

Cabe aqui, inicialmente, tentar definir o que é a projeção astral, de maneira que o leitor menos experiente nesse assunto, possa se situar e compreender o conteúdo desta obra. A projeção astral é também conhecida por termos como: viagem astral, projeção da consciência, experiência extrafísica, experiência extracorpórea ou desdobramento espiritual. É um fenômeno natural que nada mais é que uma experiência fora do corpo material, ou seja, consiste na saída da consciência humana para dimensões mais sutis de vida, que chamamos de forma genérica de Plano Astral, Mundo Extrafísico, Mundo Espiritual, dentre outras denominações. A saída da consciência humana do corpo denso para os mundos imateriais, ocorre através de um outro veículo de manifestação, que geralmente é o corpo astral (também chamado de perispírito, corpo sutil, psicossoma ou corpo espiritual).

Classifica-se a projeção astral em três tipos: a projeção inconsciente, a semiconsciente e a consciente. No caso inconsciente, durante uma noite comum de sono, o corpo astral do indivíduo flutua para fora do corpo material, mas continua dormindo no Mundo Extrafísico. Nesta situação, a pessoa não se lembra de nada ao acordar, ou, apenas, se recorda de sonhos (onirismo). Quando ocorre uma projeção semiconsciente, o indivíduo tem períodos de atividade consciente no Plano Astral, e, ao retornar ao corpo físico, pode lembrar-se de seus aprendizados e ações, muito embora suas recordações possam estar “contaminadas”, em alguns trechos, por visões oníricas. Já na projeção consciente, a lucidez da pessoa, no Mundo Extrafísico, é marcante e mais contínua. Ela tem boas chances de recordar, ao retornar ao corpo material, de atividades ou aprendizados

realizados, podendo descrever o que aconteceu através de um roteiro lógico, com um início, meio e fim, perfeitamente inteligíveis. Infelizmente, é relativamente comum muitos indivíduos fazerem viagens astrais conscientes, mas não se lembrarem do conteúdo ao despertar. Isto ocorre por alguns motivos, como o cansaço físico/mental, pela pessoa estar muito voltada a problemas de ordem material, dentre outros. Geralmente o uso de técnicas de meditação, saturação mental com literatura sobre projeção e dedicação à Espiritualidade ajudam bastante na capacidade de rememoração das atividades extrafísicas.

Gostaria de deixar registrado um agradecimento àqueles que, ao lerem os meus livros sobre viagem astral, deram-me retorno por *e-mail* ou por intermédio das redes sociais acerca de suas impressões, estimulando-me a continuar escrevendo sobre o tema.

Antes da apresentação dos relatos de projeção astral, por mim realizados, é interessante aprofundar um pouco certos aspectos gerais relacionados ao tema. Assim, coloquei alguns capítulos com esta intenção na Parte 1 deste livro. Desejo uma boa leitura a todos.

PARTE 1
INFORMAÇÕES GERAIS

FATORES INTERFERENTES NA REMEMORAÇÃO DE VIAGENS ASTRASIS

Num outro artigo (“Aspectos sobre a rememoração de viagens astrais”) discorri basicamente sobre os tipos de recordação de uma experiência extrafísica que podem acontecer, apontando também quais as condições que favorecem uma boa lembrança de atividades astrais. No presente artigo, a intenção é apresentar alguns dos fatores que interferem numa adequada recordação de uma experiência fora do corpo. Mas, antes de entrar no assunto-alvo desse texto, é relevante assinalar que a rememoração de uma viagem astral pode ser classificada em duas modalidades, quanto ao momento de sua ocorrência (conforme as minhas percepções, baseadas em experiências particulares). A primeira é o que chamo de rememoração instantânea ou *on line*, na qual o projetor está no Astral e o registro de suas ações/vivências é imediato no cérebro físico. A segunda modalidade é o que denomino de rememoração posterior, que significa que a pessoa estava no Astral agindo/vivenciando experiências, mas que só após o seu retorno ao corpo físico é que há a transferência das memórias para o cérebro material, no nível consciente. Feita a distinção entre essas duas modalidades de rememoração, quanto ao momento da ocorrência, passemos a alguns dos fatores que interferem/atrapalham ambas modalidades.

A- Estado físico do projetor

O estado do corpo material do projetor, durante ou logo após sua atividade no Astral, pode bloquear inteiramente ou distorcer a rememoração de suas vivências extrafísicas. Vou exemplificar com ocorrências próprias. Há um tempo atrás, numa determinada noite, eu realizei uma tarefa de assistência no Mundo Sutil. Enquanto ainda dormia, estava acontecendo a recordação dos fatos com plena lógica. No entanto, o processo foi interrompido por um sonho (onirismo), onde eu acabara de descobrir um pouco de serragem no ambiente e, ao pegar um punhado com uma das mãos, coloquei na boca, tentando comer aquilo. A sensação era de extrema secura na língua e gengivas, e logo despertei na cama. Na realidade eu estava com muita sede, pois como passava por uma crise de rinite alérgica, dormia de boca aberta, o que provocou grande ressecamento. Ou seja, o meu estado físico interferiu na rememoração da assistência extrafísica, já que a sede contribuiu para induzir o sonho em que eu comia serragem. Numa outra oportunidade, eu explorava certa “localidade astral” com curiosidade, até que comecei a sentir faltar-me oxigênio em pleno Mundo Extrafísico, o que é um contrassenso, pois não respiramos “do outro lado”. Logo em seguida, despertei no meu leito. Constatei que eu estava dormindo com o rosto no travesseiro, o que me impedia de respirar adequadamente. Com o despertar abrupto, perdi quase todas as lembranças do

que fazia no Astral. Portanto, a falta de boa oxigenação durante o sono, não só interrompeu a experiência, como prejudicou a rememoração.

Além dos exemplos apresentados, lembramos que a questão do estado físico do projetor é algo bastante amplo, não sendo difícil perceber que, se a fisiologia do indivíduo não estiver boa, a rememoração provavelmente será prejudicada. Assim, se o viajante estiver com algum problema orgânico, se estiver drogado ou alcoolizado, mesmo que se projete com alguma lucidez, pouco ou nada recordará.

B- Ambiente inadequado

Há casos em que o ambiente material, onde o projetor repousa, é inadequado para ter boas rememorações das experiências extrafísicas. Não é difícil explicar esta situação. Por exemplo, vou contar o que ocorreu com um amigo, que me relatou estar projetado lucidamente dentro de sua casa. Ele observava atentamente os móveis e ia de cômodo em cômodo, constatando alguns detalhes e concluindo que não havia a presença de qualquer intruso. De repente, ouviu que lá fora estava começando a chover. Em seguida, retornou ao corpo físico. Levantou-se e foi até a janela, para conferir a chuva que percebera enquanto estava no Astral. No entanto, o céu estava limpo e estrelado. Em seguida, saiu para o quintal, atraído por um barulho d'água. Notou, então, que a torneira do tanque estava pingando em um balde, logo abaixo, que estava enchendo aos poucos. Concluiu que aquele gotejamento havia sido captado pelos seus ouvidos, enquanto dormia, o que interferiu na sua viagem astral e no próprio registro da experiência pelo seu cérebro físico (ele focou tanto na questão da chuva, que esqueceu-se de boa parte do que fizera em casa no Astral). Ou seja, aquela chuva que ele notara no Plano Sutil, fora uma distorção de rememoração da experiência. Além desta exemplificação, assinalo os locais em que se usam despertadores barulhentos, que tiram as pessoas da cama com um belo susto, na hora de ir trabalhar ou estudar. Nesta situação, o choque de adrenalina nos indivíduos que assim acordam os leva a focarem nas atividades terrenas, impedindo praticamente por completo uma rememoração efetiva das vivências astrais. Poderia apontar outros tipos de ambiente inadequado, mas paro por aqui.

C- Cultura do projetor

Todo o conjunto de conhecimentos adquiridos pelo indivíduo que se projeta lucidamente, bem como a sua própria religião e hábitos, podem influenciar/interferir na rememoração das vivências extracorpóreas. Isso não é algo complicado para se compreender. Darei

um exemplo que li num livro espírita, há muitos anos, cuja referência me escapa à memória. O caso era o de um homem que, durante uma de suas noites de sono, fora induzido a sair de seu corpo por seu mentor, pois deveria conversar com uma entidade feminina luminosa, que iria lhe passar uma mensagem importante. O fato ocorreu como planejado no Mundo Espiritual, mas, após retornar ao corpo físico, o homem despertou com a seguinte memória distorcida: ele acreditava ter encontrado com Maria, mãe de Jesus! Isto é, o projetor teve uma rememoração distorcida pela sua cultura fortemente católica. Além disso, não recordou o conteúdo de sua mensagem, que ficou retida no seu inconsciente, pois o impacto do encontro com o iluminado espírito feminino fez ele perder o objetivo principal, durante o processo de rememoração. Em resumo, lá no Astral o homem compreendera a mensagem, mas, uma vez de volta ao Plano Material, não pôde registrar adequadamente o conteúdo.

Últimas considerações

Não me estenderei mais sobre outros fatores que influenciam na recordação de experiências fora do corpo, pois creio que o objetivo fundamental desse artigo foi atingido. Espero que, após a leitura desse texto, projetores menos experientes possam ser beneficiados. É importante sempre termos uma boa autocrítica quanto as nossas vivências no Astral, de modo que possamos identificar, na medida do possível, o que é uma lembrança legítima e o que é uma distorção de memória.

PROJEÇÃO ASTRAL E USO DE DROGAS

A motivação para escrever este artigo foi devida à constatação de que é relativamente comum a ocorrência de pessoas interessadas em se projetarem, para além do corpo físico, com o uso de drogas. Percebo isso ao longo dos anos em que participei de diversos fóruns de discussão sobre viagem astral, na Internet. Considerando que o desejo geral das pessoas é o de se projetar com lucidez no Astral, naturalmente que o uso de drogas é um contrassenso, pois qualquer substância com características alucinógenas, para o ser humano, interferirá na obtenção de um bom grau de lucidez. Além disso, há a questão da rememoração dos fatos vivenciados e atividades realizadas no Mundo Extrafísico. As lembranças provavelmente não ocorrerão ou, se acontecerem, terão grande probabilidade de estarem distorcidas, devido à interferência das drogas na química/fisiologia cerebral. Não devemos esquecer que o fenômeno da projeção astral, para ser registrado pelo

projektor, obrigatoriamente passa pelo cérebro físico. Portanto qualquer tipo de droga, seja lícita (álcool por exemplo) ou ilícita (maconha, cocaína etc.), impedirá ou interferirá nas experiências fora do corpo.

Desenvolvimento do assunto

A partir de agora, vamos apresentar alguns argumentos, encontrados na Internet, favoráveis ao uso de drogas na indução de experiências extracorpóreas, com os devidos esclarecimentos da falta de fundamentação dos mesmos.

A- Certas drogas poderiam promover um relaxamento mais rápido, de modo que o projetor possa realizar a saída do corpo em seguida.

Este argumento/hipótese possui o problema básico já colocado na introdução deste artigo, pois, mesmo que haja um relaxamento em bom nível, para que o indivíduo se projete na sequência, com que grau de lucidez ele atingirá o Astral? E supondo que a droga utilizada não afete suficientemente o seu perispírito (também chamado “corpo astral”), havendo ainda lucidez razoável “do outro lado”, quando houver o retorno ao corpo físico, provavelmente não haverá rememoração ou ela será distorcida.

B- “Vale a pena o uso de drogas para projetar-se, pois a viagem astral é uma sensação maravilhosa”.

Esta foi a frase de um internauta que conseguiu uma experiência, após o uso de um entorpecente, com a intenção de projetar-se. Bem, mas que tipo de viagem ele conseguiu? Pode ter sido basicamente uma viagem interna, ao próprio inconsciente. Nada garante ou evidencia se o que ele viu ou vivenciou foi tão somente um fruto de sua própria mente, alterada bioquimicamente pelo uso do narcótico. Além disso, supondo-se que sua experiência tenha se dado realmente no Astral, ele simplesmente teve a sorte de não ser atacado pelos chamados “vampiros astrais”, ou simplesmente foi assediado e vampirizado mas não percebeu. E com a continuidade deste

procedimento, a tendência é cada vez mais ser manipulado e desenergizado, até o esgotamento mental e físico. Fundamental para projetar-se é ter lucidez no processo! Quanto maior a lucidez, mais podemos aproveitar os benefícios da viagem astral e também estaremos atentos quanto aos denominados obsessores/assediadores de vários tipos.

C- “As pessoas contra o uso de substâncias para realizar viagens astrais são preconceituosas e o uso de química para se projetar não é pecado!”

Bem, esta afirmativa que colhi de alguém numa determinada rede social da Internet, carece de bons fundamentos. Com relação ao preconceito apontado, é um exagero colocado, pois é fato patente e já profundamente estudado por diversas vertentes da Ciência, que drogas prejudicam a saúde física e mental. Como é fato científico as diversas alterações cerebrais provocadas por drogas, e como o fenômeno da projeção astral só pode ser bem registrado através de um cérebro sadio, não há porque considerar, como preconceituosas, as pessoas que assinalam a inadequação do uso de entorpecentes para realizar experiências extrafísicas. Sobre o aspecto de que “o uso de química para se projetar não é pecado”, destacamos que não é necessário imiscuir esta visão religiosa do pecado na questão. Podemos contraindicar o uso de qualquer narcótico para a projeção, pelo simples fato de que a compra de drogas ilícitas traz, em sua esteira, muitas mortes geradas pelo tráfico de drogas. Além do mais, o usuário dessas substâncias, seja pensando em usar para tentar uma viagem astral ou para seu “simples prazer”, financia uma extensa rede de violência e corrupção. Portanto, não é exatamente uma questão de “pecado”, mas sim de consciência social e solidariedade humana.

D- “O uso moderado de algumas drogas pode ajudar na viagem astral.”

Quanto à afirmativa postada na Internet, é possível questionar este “uso moderado”. Quanto de determinada droga, por dia, pode ser considerado “uso moderado”? Se houvesse uma resposta em gramas, teria que se avaliar ainda a massa corpórea do usuário e a sua tolerância individual (o metabolismo varia de pessoa para pessoa). Portanto, falar em “uso moderado” é algo muito relativo. Acrescente-se que a tendência é o indivíduo aumentar progressivamente o consumo do entorpecente, ou seja, é fato que aquele que usa droga passa do “uso moderado” para o

abundante, em grande parte dos casos, seja com a intenção de projetar-se, seja para “uso recreativo”. Além disso, mesmo considerando que alguém fez um “uso moderado” e em seguida projetou-se, como saberá se suas recordações do Mundo Extrafísico não foram severamente distorcidas pelo seu cérebro, alterado por substâncias estranhas a sua fisiologia normal? Ou seja, uma séria dúvida será sua constante companheira...

E- Quem nunca fez projeção astral com uso de substâncias, não pode opinar sobre o assunto, pois lhe falta vivência com drogas.

Encontrei este tipo de argumentação em diversas oportunidades, com ligeiras variantes, na Internet. Entendo que este tipo de colocação é frágil, porque não necessariamente precisamos buscar uma experiência que, sabidamente, traz sérios prejuízos para a saúde física e mental. A esse argumento, se me fosse feito de forma direta, eu responderia que uma pessoa inteligente aprende com os próprios erros, mas quem consegue extrair aprendizados das experiências e equívocos de seus semelhantes é, verdadeiramente, um sábio.

Últimas considerações

Bem, não me estenderei mais, evitando adicionar outros argumentos/afirmações sobre o uso de drogas para facilitar/promover projeções astrais, porque estes que selecionei da Internet, já me possibilitaram apresentar minhas contribuições sobre o tema. Apenas ressalto algo sobre o lado espiritual da questão, para que fique como uma reflexão a mais. Que tipos de entidades se aproximam de pessoas que tentam se projetar usando drogas? Considerando a lei natural das afinidades, os projetores que consomem drogas atrairão desencarnados que foram usuários de entorpecentes em suas vidas materiais. Ou seja, estes desencarnados só vão reforçar o desejo dos projetores pelos narcóticos, aprofundando o hábito, que se tornará vício de difícil reversão. Considerando um cenário plausível e pior, os projetores que usam drogas possivelmente acabam por se tornar presas fáceis para assediadores mais especializados, que são chamados, por parte da literatura espiritualista, de vampiros espirituais ou astrais.

LUCIDEZ EXTRAFÍSICA

Muitas pessoas acreditam que a maior dificuldade, numa viagem astral, é a manutenção de uma elevada lucidez extrafísica. Discorreremos, aqui, sobre vários aspectos desta questão. Mas, antes disso, é importante apresentar uma definição básica sobre este tema. De uma forma genérica, lucidez extrafísica nada mais é do que estar consciente fora do corpo físico, mantendo um raciocínio lógico sobre o que está acontecendo a sua volta, e compreendendo que está vivenciando uma experiência no Mundo Astral. Passemos, então, a aspectos específicos sobre a questão.

Inicialmente, é fundamental assinalar que a lucidez fora da matéria será proporcional à lucidez que o indivíduo desenvolve no seu dia a dia terreno. Não é possível “descolar” essas duas realidades. Se a pessoa, na sua vida material, sistematicamente foge das suas responsabilidades, procurando um viver inconsciente e instintivo, não poderá ser muito lúcida nas dimensões sutis. Por exemplo, alguém que consome álcool com frequência no seu cotidiano, acostumou a sua mente a ficar na semilucidez. Assim, no Astral, manterá seu padrão de consciência limitada. Também é possível exemplificar com o caso de pessoas que são muito emocionais nas suas relações terrenas, agindo frequentemente no sentido de promover conflitos, ao sabor de impulsos pouco racionais. Obviamente estas pessoas, no Mundo Extrafísico, não poderão ter uma lucidez adequada, pois dentro ou fora do corpo material, a personalidade em ação é a mesma.

Outro ponto importante a considerar, é que a lucidez extrafísica será maior e mais contínua, se a pessoa já desenvolveu esta característica em vidas passadas. Portanto, alguns indivíduos já nascem com esta condição, pois fizeram esforços neste sentido em épocas mais antigas. Uns pertenceram a ordens iniciáticas que estimulavam a prática da projeção astral. Outros, através de atividades ligadas à magia, descobriram ou aprenderam a se deslocar extrafísicamente pelas dimensões imateriais, conscientemente.

No entanto, é relevante ressaltar que os aspirantes às viagens astrais lúcidas, não devem desanimar, acreditando que se não tiveram uma boa prática em vidas pretéritas, não poderão ter sucesso. Manter um pensamento como esse é o mesmo que alimentar uma crença limitante, que acaba por levar o indivíduo ao fracasso. Já está sendo divulgado, em boa escala, que a lucidez de alguém, no Astral, pode ser melhorada com a prática persistente de exercícios bioenergéticos. Além disso, ao se desenvolver certos hábitos, se poderá ter ótimos ganhos neste sentido. Por exemplo, a saturação mental com a leitura de textos sobre experiências extracorpóreas pode ter efeitos bem positivos, no incremento de lucidez extrafísica. Outros estudos de temas ligados à Espiritualidade,

no geral, também são benéficos, pois expandem os horizontes e a consciência da pessoa. A mente deste indivíduo passa a compreender realidades além da matéria, evitando choques com fatos típicos do Mundo Astral. Ou seja, este ser está melhor preparado para manter-se consciente, em dimensões vibratórias mais sutis que o Plano Terreno.

Um aspecto importante, e que não deve ser esquecido, é que a fase de vida que alguém está passando, influencia no seu grau de lucidez extrafísico. Se a pessoa vive momentos de tensão ou desequilíbrio, mesmo que tenha uma boa capacidade de estar consciente no Astral, ela poderá ter um baixo desempenho neste quesito. Por exemplo, um indivíduo que está em dificuldade financeira, provavelmente terá o foco de seus principais interesses em ganhar dinheiro. Assim sua mente estará, neste período, voltada para o campo material. Então, mesmo que esta criatura se projete, é bem possível que sua lucidez seja menor que o normal, ou flutue bastante.

Por fim, apontamos um fator crucial: a falta de lucidez não deve ser confundida com ausência de rememoração da experiência fora do corpo. Entendemos que muitas vezes as pessoas projetam-se, mantêm razoável consciência no Plano Astral, e ao retornarem ao corpo, simplesmente não se lembram de suas atividades. Já encontrei-me com amigos no Mundo Extrafísico, quando realizamos assistências extrafísicas conjuntamente, mas, posteriormente, quando os abordava no Mundo Terreno, constatava que suas recordações eram parciais ou praticamente nulas. Ou seja, não basta ter lucidez fora da matéria, é bastante relevante ter boa rememoração do que ocorre “do outro lado”, de maneira que estas experiências não fiquem armazenadas exclusivamente em nível inconsciente. Trazer à luz da vida física o que acontece no Mundo Espiritual é primordial para que elevemos o padrão vibratório de nosso planeta.

PARTE 2
RELATOS DE VIAGEM ASTRAL

RELATO 1 – PROJEÇÃO E FALSO DESPERTAR

Eu vinha tendo uma noite povoada de sonhos, até que despertei às 5:56 h da manhã. Era o que marcava o meu relógio, à cabeceira da cama. Fui ao banheiro em seguida e bebi um pouco de água. Tornei ao leito já muito desperto, ficando preocupado, pois percebi que seria difícil dormir de novo. Como eu havia me deitado depois da meia-noite, dormira pouco e, se não voltasse a descansar, poderia ficar sonado o resto do dia. Então, tentei repousar um pouco mais, porém o sono não ressurgia. Procurei diversas posições na cama, de maneira que adormecesse. Inclusive, deitei de bruços, que quase sempre me deixa com torcicolo. Felizmente, em algum momento, dormi.

Agora, eu estava em algum lugar de aparência rural. Caminhava por uma estrada de terra batida e apreciava a paisagem. Havia um belo sol inundando tudo com a sua luz. Algumas árvores e pastos caracterizavam o ambiente. Umas poucas pessoas transitavam. Então, apercebi-me que havia uma certa leveza na localidade e pensei: aqui eu posso dar aqueles saltos enormes e até flutuar!

A partir disso, dei um impulso com uma das pernas e subi de quatro a cinco metros de altura, descendo suavemente, em seguida. Estava comprovado o que eu havia notado e, assim, passei a dar outros saltos com maior vigor, subindo cada vez mais alto. Num dos saltos, lembro que raspei a cabeça nos galhos de uma árvore. Forcei a cabeça pelos galhos, pensando que poderia atravessá-los, mas isto não aconteceu. Os galhos raspam a minha cabeça astral e um dos ombros, sem maior incômodo para mim. Nesse contexto, constatei que a minha densidade vibratória era a mesma da árvore.

Tudo ali era agradável, belo e luminoso. Deveria ser uma “localidade astral” relativamente distante vibracionalmente do chamado Umbral. Prossegui com os saltos até que estabilizei-me a uns 20 metros de altura, permanecendo suspenso por alguns instantes, enquanto flutuava. Observei, ao longe, várias vacas malhadas à semelhança do gado holandês, que caminhavam tranquilamente sobre uma bonita pastagem bem verde. Percebendo que o sol ganhava todo o ambiente, passei a inspirar profundamente, imitando a respiração terrena, no intuito de absorver a energia luminosa do lugar. Procurava, desta forma, energizar-me.

No entanto, recordei que a última posição em que deitara, tentando pegar no sono, fora de bruços. Assim, preocupei-me em ficar com torcicolo, lá no corpo físico, o que me é bastante desagradável. Então, raciocinei que bastaria concentrar-me em mexer um dedo da mão física, que isto poderia me fazer retornar à matéria. Passei, automaticamente, a mentalizar isso e então a mente

me pregou uma peça. Saí daquele belo “local astral” e tive o chamado “falso despertar”. Explicando melhor, perdi lucidez e comecei a sonhar que havia acordado no mundo físico. No breve onirismo, próximo a minha cama, estava Fabíola, para quem eu contei que estivera projetado no Astral, num lugar bonito.

Em seguida, de fato, acordei na minha cama, logo percebendo o falso despertar. Observei no entorno e vi a Fabíola, em sono profundo, na outra cama. Olhei para a terceira cama do quarto e notei que estava vazia. Tetê Souza havia acordado mais cedo que nós. Saí do quarto e fui buscar papel para anotar essa experiência.

DATA: 06/01/2013

RELATO 2 – SAÍDA ESTRATÉGICA ATRAVÉS DE VOO

Estava passando por uma semana difícil. Após o encontro com uma amiga no último domingo, que se despedia pois ia para a Europa, notei que um assediador astral tentava insistentemente desvitalizar-me. A moça estava tensa com a longa viagem e passava por problemas particulares. Em decorrência disso e por ter me solidarizado com suas dificuldades, absorvi algo negativo. Desde então, todas as noites até a terça-feira estava dormindo muito mal, tendo pesadelos e acordando inúmeras vezes.

Na noite de quarta-feira, antes de ir para a cama, resolvi fazer uma meditação utilizando uma técnica específica para desestressar-me. Durante a meditação, já numa fase adiantada, surgiu-me uma imagem muito nítida na tela mental. Ali estava a cabeça de um carneiro, muito bem delineada. Fiquei surpreso com a inesperada vidência, observando com curiosidade a imagem, que logo transformou-se na cabeça de um lobo, cujos olhos apresentavam-se como dois pontos luminosos vermelhos. A partir disso, tive convicção de que uma entidade obsessora estava ali, de fato. Então, realizei uma limpeza bioenergética no ambiente.

Assim, na quinta-feira minha residência estava mais salutar e percebi que já era possível dormir melhor. Quando deitei-me, tive uma intuição de que teria uma experiência extrafísica com rememoração e isto acabou acontecendo. Pela madrugada, levantei-me para ir ao banheiro e, após retornar ao sono, projetei-me.

Estava fora do corpo, numa espécie de casa, onde encontrei-me com alguns parentes e

amigos também projetados. Conversei com vários deles, como a prima Ana, a tia Telma, a prima Sarah, Tetê Souza e, mais intensivamente, com o meu jovem primo Dante, em plena fase de adolescência. Eu explicava ao Dante sobre questões espirituais e dava-lhe noções básicas acerca de viagem astral.

Após um tempo, saí do local, que tinha uma proteção própria. Aquele lugar situava-se nas imediações do Mundo Terreno e, por isso, o lado externo apresentava pessoas de vários tipos, projetadas ou desencarnadas, pacíficas ou hostis. Caminhei por uma via e notei, mais adiante, um grupo de jovens que eu já sabia, intuitivamente, gostarem de briga de rua. Passei por eles, mantendo uma certa distância, de modo a não chamar a atenção. Percebi que um deles veio atrás de mim. Apressei meus passos, pois não tinha nenhum interesse e motivo para discutir ou brigar com o jovem, que, provavelmente, não aceitaria qualquer diálogo. No entanto, ele fez o mesmo, acelerando a sua marcha.

Então, tive uma ideia para resolver o problema que se avizinhava. Passei a correr para tomar impulso e, focando a minha força mental, alcei voo. Tracei uma longa parábola ascendente, com grande velocidade e prazer, aproveitando aqueles momentos de liberdade. De alguma maneira, compreendia que o jovem era muito condicionado mentalmente, não sabendo deslocar-se pelo ar. Em seguida, retornei ao corpo. Era ainda madrugada, mas, agora, o dia já clareava. Anotei a experiência e retornei para cama, pois ainda não era hora de ir trabalhar.

DATA: 22/03/2013

RELATO 3 – MORADORES NA CASA VAZIA

Em 2012, tentei comprar uma casa que estava anunciada num *site* de imóveis, onde constava que ela tinha RGI e, por isso, estaria totalmente legalizada. Fui fazer uma visita junto com o corretor e, gostando do imóvel, onde viveram pessoas até o falecimento, resolvi comprá-lo. Parecia tudo correto e acabei dando uma entrada para garantir o negócio. Um tempo depois, foi marcada a escritura. Porém, após uma avaliação mais aprofundada dos documentos, surgiu um problema. O inventário havia sido feito erradamente. Então, o advogado da família que estava vendendo a casa foi acionado, para resolver o entrave jurídico. Passaram-se várias semanas e o problema não tinha solução. A questão se arrastou...

Numa determinada noite, no ano seguinte, sem pensar na questão previamente, fui dormir. Projetei-me espontaneamente para um local desconhecido. Neste ambiente, fui abordado por um homem de tez morena, que chegou com passadas largas, parecendo bastante nervoso e ansioso. Ao chegar na minha frente, falou comigo: “Olha, você sabia que estão usando o seu nome nuns papéis e que isso vai acabar me colocando para fora da minha residência?”

Fiquei sem reação, ante àquela pergunta inesperada, proveniente de alguém que nunca tinha visto. O que me chamou a atenção foi que, enquanto ele falava, seus lábios foram tomados por um forte tremor de tensão. O tom de voz era muito irritado, pois, afinal de contas, para ele aquela situação iria levá-lo a um despejo.

Outro aspecto interessante é que, quando ele chegou, logo atrás dele veio uma senhora de pele bem clara e, um pouco mais distante, havia uma terceira pessoa, um homem, que não distingi adequadamente. Em seguida, retornei ao meu corpo material, tendo nítida em minha mente a situação que eu vivenciara, há poucos instantes.

Alguns dias depois desta experiência, fui chamado pelo corretor. Ele me informou que o inventário anteriormente realizado tinha um grave erro, pois omitia uma das herdeiras, uma filha de criação, que inclusive já havia falecido também. O inventário precisava ser refeito e isto demoraria mais tempo. Além disso, depois surgiram novos obstáculos jurídicos quanto à casa.

Nesse contexto, constatei que possivelmente aquelas criaturas que me procuraram no Astral, cujo homem à frente se queixava da minha tentativa de comprar um imóvel, deveria ser a família que vivera ali, na matéria, e ainda ocupava o local. Embora os herdeiros vivos quisessem vender a casa, não vinham tendo sucesso em realizar o negócio.

A título de curiosidade, informo que a questão perdura até os dias de hoje (setembro de 2017), enquanto digito este relato. Eu mesmo já desisti da casa e entrei na justiça para reaver o dinheiro da entrada, que entreguei na época. Passaram-se cinco anos e creio que os desencarnados ainda estão por lá. Esta é uma situação típica, pela qual passam muitos seres humanos apegados as suas vidas físicas. Eles desencarnam e tentam manter o estilo de viver, bem como as mesmas posses materiais e os hábitos que adquiriram outrora. O apego, de uma forma geral, é o fator que mais atravanca a renovação mental e espiritual de todos nós.

DATA: 08/05/2013

RELATO 4 – A SURPRESA

Despertei na cama após um sonho. Levantei-me e fui ao banheiro. No retorno tive sede e bebi água, por meio de uma caneca que fica do lado de minha cama. Lembro que contei o número de goles (cinco). Deitei-me novamente, mas havia um barulho de motor na rua, em plena madrugada. Era uma aceleração contínua, que não me permitia dormir. Peguei dois protetores auriculares e tampei meus ouvidos. Mesmo assim, ainda ouvia o motor. Resignei-me e procurei relaxar para dormir. Aos poucos o barulho foi sumindo e apaguei.

Depois de um tempo indefinível, tentei levantar da cama novamente, por um motivo que não recordo mais. Como o movimento para erguer-me foi muito rápido, tropecei e fui ao chão, caindo de quatro. Ao ter o impacto no chão, reparei que não senti dor. Logo pensei que havia me projetado, pois senti uma energia de tração em direção à cama, que estava logo atrás. Ergui-me com alguma dificuldade e fui à frente para a saleta do meu apartamento. Ali, de pé, estava feliz por estar fora do corpo com lucidez. Desejava fazer testes no ambiente, mas, antes disso, retornei à porta do quarto para ver meu corpo na cama. Na penumbra do ambiente, divisei meu corpo no leito como uma extensa sombra. Rapidamente voltei à saleta, pois eu sentia o magnetismo me puxando em direção ao corpo. Se ficasse ali, observando-o na semiescuridão, para tentar vê-lo melhor, poderia reacoplar-me a ele, interrompendo a experiência.

Então, passei aos testes no ambiente. Fui a um interruptor e toquei-o. Eu estava bastante densificado. Mas, a luz não acendeu. E raciocinei que aquilo era óbvio, pois eu estava fora do corpo e o interruptor material não poderia responder ao meu toque (na verdade eu havia tocado a contraparte astral do objeto físico). Repeti o gesto em outro interruptor e, logicamente, a lâmpada não acendeu. Minha lucidez flutuava um pouco. Então, dirigi-me ao banheiro, com a intenção de ficar de frente ao espelho. Assim o fiz, mas, para minha surpresa, pude notar os contornos de meu rosto na superfície do espelho, na penumbra do local. Raciocinei, naquele momento, que a minha mente estava me pregando uma peça, pois, em tese, eu não deveria me ver no espelho físico. No entanto, pensei que havia a contraparte astral do espelho e, nesse contexto, porque ele não funcionaria?

Em seguida, pensei em sair do meu apartamento, atravessando a janela ou a própria parede do quarto de dormir, para voar sobre a rua. Mas, não fiz isso, pois logo imaginei que se passasse muito perto do meu corpo físico, na cama, retornaria a ele. Então, fui em direção à porta de saída do apartamento. Tencionava atravessá-la. Contudo, ao encostar minha mão nela, senti a porta

bem sólida. Eu estava muito denso, mas não me conformei. Usei minha força de vontade, afirmando que atravessaria a porta. Concentrei meu pensamento e forcei a porta com minha cabeça e ombro. E comecei a transpô-la com alguma dificuldade, até que fiquei com boa parte do tronco e a cabeça para fora do meu apartamento. No entanto, o Mundo Astral nos prega peças! Surpreendentemente, não estava atingindo o lado externo do meu apartamento, mas sim me encaminhando para uma outra dimensão energética.

Ali, ainda com a metade do meu corpo atravessado na porta, pude ver que o ambiente externo era um local com várias pessoas, a maioria mulheres, que conversavam entre si num cenário semelhante a uma galeria comercial. De alguma forma, pelo meu esforço em tornar-me mais sutil vibratoriamente, fui atraído para aquela localidade. Uma das paredes tinha uma vitrine. Era um local onde as pessoas estavam conversando com alegria. Aquilo me agradou. Eu estava surpreso e logo atravessei a porta sem maiores dificuldades. Fui contagiado pelo clima de satisfação das pessoas e, em especial, pelo olhar feliz de uma moça jovem morena, que usava um vestido até as canelas. Seu sorriso era simpático e a impressão que eu tinha é que irradiava uma energia acolhedora e prestativa. Observei com algum cuidado todas aquelas pessoas em harmonia e reafirmo a minha surpresa, pois geralmente quando saio do corpo é para realizar tarefas em áreas umbralinas.

Contudo, apesar de eu estar num recinto agradável, desejei ir para a via pública. Eu queria encontrar-me com um guardião da Umbanda. Lembrei-me dele não sei o porquê, firmando o pensamento em encontrá-lo. Logo que desejei estar na rua, instantaneamente surgiu no ambiente externo. Porém, esta via não era clara como o lugar anterior. Não sei onde fui parar, mas era uma grande avenida que tinha um grande canal no meio, semelhante a uma parte da Avenida Presidente Vargas, no Centro do Rio de Janeiro. Para minha surpresa, notei que fui seguido pela simpática moça morena. No entanto, preferi ignorá-la, focando em encontrar a entidade masculina, que era um guardião da Umbanda, um velho conhecido meu.

Pensei em gritar o seu nome, invocando-o. Olhei a longa avenida, planejando deslocar-me até algum ponto específico onde o chamaria. Mas, em vez de bradar o seu nome, preferi fazer uma invocação mental. E logo fui atendido! Porém, não do jeito que eu esperava! A jovem que me seguia de perto, agora de cabeça baixa, respondia a minha invocação, com uma pergunta: “Está surpreso com a minha roupagem?” Reconheci a sua voz soturna, um tanto rouca e masculina. Aproximei-me do guardião para conversar com ele, mas logo senti meu corpo na cama.

Estava de volta ao Mundo Físico, com alguma decepção. Queria dialogar com a entidade, mas o espírito apenas quisera apresentar-se a mim com outra aparência. Compreendi que

foi uma espécie de teste, onde eu deveria entender quem ele era, apesar de usar uma forma diferente e feminina. Acho que fui reprovado, mas ficou a lição prática de que as aparências enganam. No Astral (e na Terra também), devemos buscar a essência e não nos deixar ludibriar com a forma externa.

DATA: 04/07/2013

RELATO 5 – ENCONTRO AGRADÁVEL

Naquele sábado, fui me deitar por volta das 23:00 h. Estava muito cansado, pois na noite anterior só pude dormir por, no máximo, cinco horas, além de ter despertado por diversas vezes. Portanto, não esperava me projetar, nem realizei qualquer exercício bioenergético com este objetivo.

Assim que deitei, perdi a consciência. Durante algum momento da madrugada, estava projetado junto a uma tia, irmã da minha mãe desencarnada. Minha tia Emereciana, hoje com um pouco mais de 70 anos de idade, apresenta um quadro de saúde um tanto limitado. Gosto muito dela e, quando eu era adolescente, ela me ajudou muito. No entanto, como o meu tio Wellington, esposo dela, não ficava muito à vontade na minha presença, por eu ter me tornado espiritualista, preferi deixar de visitá-los. Na época, julguei ser melhor evitar qualquer tipo de constrangimento, que seria totalmente desnecessário.

Entretanto, a projeção astral é uma excelente ferramenta de vida! Mesmo já há algum tempo sem pensar nesta situação, pude encontrar minha querida tia no Mundo Extrafísico. Ao vê-la, também projetada, pude abraçá-la e conversar com ela por um bom tempo. As palavras exatas não pude reter na memória, mas recordo-me de dizer que gostava muito dela e de ter agradecido uma ajuda muito relevante, algumas décadas atrás. Também lembro de ter acariciado o seu rosto e afagado suas orelhas, enquanto lhe falava algumas coisas.

Despertei pela manhã, com uma sensação boa, após este contato no Mundo Sutil. Tia Emereciana tem alguma facilidade em desdobrar-se. Além disso, é uma boa médium, embora não tenha se dedicado muito a este campo, porque seu marido não gostava de atividades espiritualistas. Infelizmente, os preconceitos de cunho religioso separam e tolhem as pessoas. Contudo, nesta oportunidade pude constatar, mais uma vez, que a viagem astral é uma ponte entre as pessoas, sejam

elas encarnadas ou desencarnadas.

DATA: 10/11/2013

RELATO 6 – A FAMÍLIA DO ZELADOR

Neste dia, aconteceu mais uma projeção espontânea, ou seja, sem a minha intenção de conseguir uma experiência lúcida fora do corpo. Apenas me deitei, não realizando exercícios projetivos, mas fui atraído para uma assistência fora da matéria.

Caminhava por um bairro humilde, com um grupo de pessoas. A localidade era cercada de pequenos morros, com casas de construção simples. Parecia ser uma típica área da cidade do Rio de Janeiro, cuja população fosse de baixa renda. Logo atingimos um longo túnel que cruzava um desses morros e passamos por ele. Então, chegamos em outra área humilde.

Após um tempo caminhando por este novo bairro, dirigi-me, com uma das pessoas do grupo, para um destino que nos cabia. Compreendi que o restante do grupo seguiria para outros lugares, cumprindo tarefas específicas.

Eu e o rapaz mulato alcançamos uma escola. Ela estava vazia, a não ser por uma família que residia nos fundos da instituição. O pai da família era um tipo de zelador ou vigia da escola e, por isso, deixaram-no morar na parte de trás do lugar, numa pequena casa.

Ao sermos recebidos por um garoto, no portão do colégio, fomos até a referida residência, nos fundos. No local, houve uma longa conversa com várias pessoas da família. Recordo bem das fisionomias do pai, de um filho (o garoto que veio nos receber no portão), da esposa e de uma avó. Havia também algumas crianças pequenas, interagindo com a família. Dei dicas de como se divertir com papel, através do *origami*, a arte tradicional e secular japonesa de dobraduras com o papel, para a criação de objetos e animais. Usei esta estratégia, porque eram evidentemente pobres, mas aquela criança precisava se divertir. Eu sabia que eles estavam todos projetados, mas uma parte do que aprendemos no Astral fica registrado no inconsciente, aflorando no dia a dia material e contribuindo para uma vida melhor.

A região era dominada pelo tráfico de drogas e meu objetivo, naquela circunstância, era mostrar ao pai e à mãe que era fundamental darem muita atenção às crianças, de forma que não se

envolvessem com entorpecentes. Assim, montamos vários brinquedos com papel plasmado no Astral e os colorimos. Aquilo era uma ideia a ser fixada na mente dos pais, de maneira que pudessem desenvolvê-la, quando despertos na vida física.

Num dado momento, a avó se aproximou de mim, para dar ênfase ao tráfico que ocorria na porta da escola. Tive pena da família, que, na realidade, vivia sob uma pressão significativa. Fiquei preocupado, sobretudo com as crianças.

Ao final da visita, fomos (eu e o rapaz mulato que havia me levado à escola) até o portão de saída. Nos acompanhou o filho mais velho do zelador, o mesmo do início da experiência. O garoto tinha aparência de 10 ou 11 anos de idade. Já na despedida, recomendei que ele não se envolvesse com drogas. Quando ia me virar, para ir embora, tive uma ideia súbita e disse para ele pensar bastante em Jesus. Minha intenção era que ele guardasse essa sugestão na mente, pois sabia que aquela família, em projeção astral, era um agrupamento evangélico no Plano Terreno.

A seguir, eu e a outra entidade que havia me acompanhado até então, passamos a caminhar pela grande avenida, onde estava a escola. O rapaz apressou o passo pela via pública. Quis observá-lo, mas ele logo sumiu não sei para onde. Analisei o percurso à frente, mas o fato é que ele havia sumido, sem deixar qualquer sinal na extensa avenida. Ele até poderia ser um outro projetor, que estivera ali, numa tarefa comigo. No entanto, compreendi pela via intuitiva que o rapaz era um amparador daquela família, que vivia nos fundos da escola. Depois disso, despertei em meu leito.

DATA: 19/11/2013

RELATO 7 – REUNIÃO COM PARENTES PROJETADOS E CONFIRMAÇÃO

Eu conversava com Tetê Souza sobre projeção astral, naquela noite. Explicava a ela que, muitas vezes, a encontrava ativa e lúcida no Astral, mas que ela não se lembrava dos fatos que vivenciamos lá, depois de despertar aqui no Plano Terreno, na maioria das vezes.

Após o diálogo, fui dormir tarde. Provavelmente pela madrugada, projetei-me espontaneamente, tendo ido à residência do tio Wellington e de tia Emereciana. Há 12 dias eu estivera lá e relatei isto na experiência “Encontro agradável”.

Meu primo Márcio e a família dele estavam todos projetados. Conversei com o meu primo e notei que ele estava bastante chateado. O conteúdo completo da conversa me escapou da memória, mas vi quando Tetê Souza, também presente nesta reunião no Astral, foi falar com ele. Era evidente que ela estava o aconselhando.

Dirigi-me à tia Emereciana, que ultimamente andava um tanto melancólica. Ao me ver, ela chamou meu tio Wellington e disse: “O Pablo está aqui!” Ele se aproximou e, ao me reconhecer, para minha surpresa, se pôs de braços abertos para me abraçar, comentando: “Há quanto tempo!”

Após abraçá-lo, notei que o tio Wellington estava bem envelhecido, depois dos anos em que eu não o via no Mundo Material. Estava pálido e os dentes bem amarelados, sobretudo os incisivos laterais, que detinham uma tonalidade mais forte. Eu já sabia que ele havia desenvolvido o Mal de Alzheimer, que mantinha-se num estágio ainda relativamente inicial, apresentando sintomas de esquecimento de alguns fatos e pessoas.

Despertei às 6:15 h da manhã, com a imagem de seu rosto ainda bem nítida na minha tela mental. Mais tarde, na hora do almoço, a esposa do meu primo Márcio me ligou para tratar de alguns assuntos. Depois de um tempo de conversa, ela informou que o Márcio havia dormido, na última noite, na casa dos pais dele, ou seja, meus tios Wellington e Emereciana.

Achei o fato muito interessante e me pus a concluir que tinha ocorrido uma reunião familiar em pleno Mundo Astral. Fiz um relato completo à esposa de meu primo e ela comentou que ele, realmente, andava bem chateado por conta de detalhes que envolviam a venda de um apartamento. Foi isso que eu notara, por parte dele, na experiência extrafísica e possivelmente a Tetê Souza o estava aconselhando algo sobre esta questão.

Além disso, dias depois, encontrei-me com meu primo em minha residência. Contei-lhe a projeção astral e ele me relatou que, de fato, meu tio estava muito envelhecido e com os dentes em estado bem ruim, porque não aceitava ir ao dentista. Desta forma, obtive uma confirmação pessoal satisfatória sobre aquela experiência noturna.

DATA: 22/11/2013

RELATO 8 – INFLUÊNCIA SOBRE UMA PESSOA

Eu tinha acabado de psicografar mais um capítulo do livro “Guardião”, que foi lançado

em 2014. Deitei sem pensar em me projetar, porém o espírito autor do livro citado ainda estava presente. Ele me falou que iria me dar um presente, não distinguindo o que seria. Não imaginei o que pudesse ser e, desta forma, entreguei-me ao sono.

Em algum momento da madrugada, estava no quarto de uma moça jovem desconhecida. Ela dormia em sua cama e minha lucidez era limitada. Entretanto, notei que eu havia sido colocado junto àquela moça para uma doação bioenergética. Alguma entidade estava utilizando meu ectoplasma para auxiliar a jovem. Ali, mesmo passando por momentos de semilucidez, captei suas emoções e pensamentos um tanto desnorteados. O estilo de vida da moça era agitado. Era uma pessoa ansiosa, com muitas dúvidas e agia ao sabor das circunstâncias, sendo bastante influenciável. Faltava-lhe foco na vida e percebi que tinha assuntos mal resolvidos, também, em seu campo emocional. Depois que identifiquei essas questões, apaguei.

Num dado instante, após o período de lapso de memória, adquiri uma grande lucidez. Agora, estava numa calçada de uma via de movimentação intensa e rápida de carros. Notei quando um passou em alta velocidade, especialmente perto da calçada. Olhei para o céu, de um azul puríssimo, percebendo grande luminosidade no ambiente. Exclamei para mim mesmo: “Caramba, estou projetado! E isto aqui é Botafogo!” Reconheci rapidamente o bairro, que se localiza a pouca distância de minha residência.

Logo pensei: “Tenho que aproveitar a oportunidade e fazer algum tipo de teste.” Então, olhei a minha volta e, à direita, me chamou a atenção a presença de uma jovem de vestido azul, até os joelhos. Mas, a sua imagem estava um tanto desfocada e o motivo era que eu estava tão próximo dela, que parte do meu corpo astral (braço e tórax) atravessava o veículo físico da moça. Subitamente, questionei: “Será que consigo influenciá-la? Será que ela poderá sentir a minha presença?” Em ato contínuo ao raciocínio, abracei-a, tentando perceber se ela notava algo diferente. Em seguida, de uma forma automática, belisquei o seu pescoço. Senti uma textura elástica, que deveria pertencer ao seu corpo astral. Então, ouvi um murmúrio da parte dela, demonstrando um desconforto devido ao meu beliscão. Com isso, fui repellido energeticamente por ela e logo eu estava acoplado ao meu corpo físico.

Abri os olhos, no meu leito, decepcionado por não ter conseguido prolongar a experiência fora do corpo. Porém, ao mesmo tempo, estava feliz por ter provocado um efeito visível em alguém encarnado e em estado de vigília. A sensação de repulsão que senti, também foi bastante interessante. Deve ser mais ou menos isso que acontece, quando um obsessor é repellido pela pessoa encarnada assediada.

Busquei a janela do meu quarto e o céu estava no mesmo tom de azul, muito bonito, que eu divisara fora do corpo, na dimensão imediata ao Plano Físico. A claridade era também intensa e típica de um dia de verão carioca. Em seguida, olhei para o relógio e constatei que eram 7:15 h da manhã. Rapidamente, passei a fazer as anotações sobre a experiência. Enquanto eu escrevia, antes de ir ao trabalho, notei a presença do espírito Guardião. Ouvi ele rindo e passou-me que fora ele quem havia me levado para esta atividade no Astral. Em resumo, este foi o presente prometido na noite anterior. Ou seja, a entidade me levou para uma assistência espiritual à moça, durante a madrugada. E pela manhã, quando ela possivelmente se dirigia para o seu trabalho, com a minha pessoa ainda conectada energeticamente a ela, em plena rua, fui intuído pelo Guardião a tentar a influência sobre a jovem.

DATA: 30/01/2014

RELATO 9 – ESPETÁCULO INSTRUTIVO NO ASTRAL

Estava projetado com o meu irmão carnal. Acabáramos de chegar em um grande teatro, cujas estruturas internas eram semelhantes ao estilo neoclássico. As cadeiras destinadas ao público ficavam num patamar um pouco abaixo do palco. O piso de todo o ambiente parecia ser de tábuas corridas. Ocorriam muitos lugares vagos, pois o evento ainda não havia se iniciado.

No palco, músicos se acomodavam com seus instrumentos. Ali se formava uma orquestra. Alguns tinham violinos, por exemplo. Eu e meu irmão nos acomodamos na segunda fileira de cadeiras. Sorrimos um para o outro, quando um músico começou a testar a sua tuba.

Um fato que diferenciava aquele teatro plasmado no Plano Astral, em relação aos que temos na Terra, é que no fundo do palco e numa posição mais elevada havia uma grande tela de cinema. Haveria uma apresentação combinada de música ao vivo, com imagens na tela, sendo que estas eram provenientes do passado espiritual do Brasil.

Depois de um tempo, já com muitas pessoas no teatro, entrou o apresentador do evento. Ele era uma pessoa carismática e emanava harmonia. Disse seu nome, que era algo que não me recordo, com o sobrenome “Travassos”. Ele explicou que, no passado, havia participado do movimento pela libertação dos escravos no País, quando estivera encarnado no território brasileiro.

Em seguida, iniciou-se a exposição de imagens na tela, como nos cinemas terrenos, e os

conteúdos versavam sobre a época em que Travassos viveu. Sincronizadamente, a orquestra tocava músicas belas, embora um tanto melancólicas, porque o tema era a escravidão dos negros no Brasil. Em alguns momentos, a cada novo personagem que aparecia na grande tela, o Sr. Travassos dizia quem era e qual foi o seu papel, resumidamente, nos bastidores do movimento pelo término da escravidão.

Pudemos assistir a várias pessoas naquele filme especial, fazendo discursos ou dialogando com seus pares, à época. Assistíamos a registros espirituais de fatos legítimos acontecidos no Plano Terreno, sem interpretações, distorções ou abrandamentos. Era a verdade nua e crua do que houve. Ficaram bem guardados na minha memória, por exemplo, alguns clérigos com suas roupas tradicionais. Todos aquelas personalidades trajavam indumentária típica do século XIX.

Nem todas aquelas individualidades encarnadas, naquela exposição de imagens do passado, tiveram participação positiva no ideal de libertação dos escravos. Alguns ali mostrados eram ainda presos aos velhos sistemas político e socioeconômico. Creio que meu irmão estava projetado comigo naquele lugar, pois ele é professor universitário de ciências sociais e se interessa muito por história.

O espetáculo, que era muito instrutivo, também tinha um forte aspecto artístico. Travassos era um excelente condutor do evento, pois ele mesmo participara daqueles fatos históricos. Em certo momento, quase fui às lágrimas devido à bela música e também por perceber os erros que todos nós podemos cometer, enquanto vivenciamos uma encarnação.

Os conteúdos que pude assistir foram extensos e, por isso, não pude recordar maiores detalhes. Infelizmente, a capacidade de rememoração dos projetores, no geral, ainda é limitada. Posso dizer que, em síntese, trouxe comigo boas emoções daquela experiência extrafísica. Além disso, tive uma certeza íntima de que precisamos aproveitar bem cada existência terrena, no sentido de sermos solidários com os companheiros de jornada. Todos estamos dentro de um processo de aprendizado um tanto difícil. Se tivermos boa vontade com o semelhante, isto acaba retornando para nós, de forma que o conjunto da sociedade se desenvolve melhor. Precisamos ampliar nossas consciências quanto a isso.

Depois desta vivência, pesquisei o sobrenome “Travassos”, associando-o ao movimento de abolição da escravidão no Brasil. Encontrei, pela internet, um representante da maçonaria que foi bem ativo pela libertação dos escravos, que tinha este sobrenome. Prefiro não revelar o seu nome completo, porque minha pesquisa não foi tão intensiva. Além disso, os descendentes vivos deste personagem de nossa história talvez não ficassem muito satisfeitos, de eu dar notícias de seu

antepassado, através de uma projeção astral, um fenômeno nem sempre bem compreendido.

DATA: 06/03/2014

RELATO 10 – ASSISTENCIALISMO E DEBILIDADE ORGÂNICA

Eu passava por uma crise de gastrite há mais de 30 dias. Depois de alguns anos vivendo de forma razoavelmente equilibrada, o problema estomacal havia se tornado agudo e persistente. Novamente eu precisava fazer alguns exames, pois a dieta alimentar rígida não estava surtindo bom efeito, mesmo utilizando medicação regular.

Em várias noites eu despertava com dores no estômago, o que atrapalhava o meu sono e as projeções astrais. Eu já havia perdido cerca de quatro quilos. Vivendo esta situação, deixei de lado qualquer exercício projetivo. Eu queria apenas dormir e me recuperar. Pensava menos ainda em sair do corpo, com a intenção de prestar assistência extrafísica. Mas, foi isso que aconteceu naquela noite.

Num dado momento da madrugada, embora não recorde como tenha chegado lá, estava com o meu velho amigo Néelson Vilhenna, dirigente de um grupo espiritualista no qual tive participação intensa no passado. O ambiente era limpo, mas não tenho maiores detalhes do mesmo, pois estava focado em dar passes na área frontal das cabeças de um grupo de pessoas enfileiradas, lado a lado. Eu sabia, intuitivamente, que aqueles indivíduos tinham problemas visuais. O Néelson vinha, em seguida a mim, também emitindo bioenergias na direção dos olhos astrais, bem como no chacra frontal de cada pessoa.

Após a tarefa, recorde de conversar com o Néelson sobre a atividade realizada, mas fomos interrompidos. Tive que retornar ao corpo, pois o meu estômago latejava. Levantei-me para tomar um remédio e voltei a me deitar, logo pegando no sono. Encontrei-me com o Néelson novamente no Astral, mas não pude rememorar o que fizemos. Depois, apenas retive lampejos de lembranças de diálogos.

Bem, esta experiência foi um aprendizado para mim, pois apesar de meu estado orgânico não ser bom, pude constatar que, ainda assim, pude ser útil no Mundo Extrafísico. Isto não é recomendável, mas aconteceu comigo. O ideal é um projetor participar de assistencialismo quando estiver realmente equilibrado, em termos de saúde física e psíquica.

Registro, ainda, que se não fossem aquelas dores no estômago provavelmente eu dormiria com profundidade até a manhã seguinte. E como eu estava um tanto debilitado, não deveria recordar esta experiência. Por incrível que possa parecer, o incômodo fisiológico acabou me propiciando a oportunidade de rememoração. A vida, às vezes, promove fatos inusitados em níveis diversos, seja no Plano Terreno como nas demais dimensões. Desta forma, vamos agradecendo e aproveitando as chances de aprendizado...

DATA: 07/03/2014

RELATO 11 – ESTRELAS

Naquela noite, havia começado um tratamento contra a bactéria *Helicobacter pylori*, que agredia meu estômago, causando uma gastrite. Assim, eu acabara de tomar vários comprimidos, sendo alguns deles antibióticos. Após cerca de duas horas, recolhi-me ao leito, sem fazer exercícios bioenergéticos ou sequer em pensar numa projeção astral.

A noite vinha sendo razoável, embora tenha despertado algumas vezes pela madrugada. Talvez os remédios houvessem alterado a minha fisiologia, a ponto de perturbarem um pouco o meu sono. Tive vários sonhos, que lembrei em cada despertar. Nada era relevante.

No entanto, após adormecer mais uma vez, em certo ponto da madrugada, passei a ter uma experiência interessante. Eu vinha andando por uma rua. Estava absorto nos meus pensamentos, apenas notando que caminhava por uma ladeira suave, e que o ambiente era noturno, iluminado artificialmente pelos postes de luz do lugar. Eu pensava no que vinha lendo ao longo da semana, num determinado grupo do Facebook sobre projeção astral. Era um debate extenso sobre diferenças entre sonhos lúcidos e viagem astral. Aquelas pessoas, de certa forma, se agrediam para demonstrar que seus pontos de vista eram os mais corretos. Eu não participava daquela discussão, pois entendia que ali predominava uma luta entre egos.

Então, subitamente pensei que eu poderia estar fora do corpo físico. Prestei mais atenção ao redor, reconhecendo a rua do meu bairro de infância. Mas, não acreditei de pronto que poderia estar ali projetado. E se eu tivesse simplesmente adquirido lucidez, dentro de um sonho? Assim, resolvi fazer um teste. Parei a minha caminhada e pus minhas duas mãos num muro de pedras. Fechei os olhos e mentalizei: quando eu abrir os olhos novamente, estarei vendo exatamente o lugar onde estou, sem qualquer ilusão ou onirismo!

Em seguida, abri meus olhos e constatei que de fato estava naquela velha rua do bairro onde cresci. Fiquei bem animado com a oportunidade e resolvi fazer vários testes naquela localidade. Logo após uma curva, admirei-me quanto a uma forte luz que havia sobre um dos vários sobrados que existiam ali. Parei e olhei para cima, na direção da luz, mas ela me ofuscou. Não entendi se era a lua, ou se era uma outra fonte luminosa qualquer.

Continuei descendo a ladeira, passando por dois homens que tinham acabado de estacionar um caminhão, na borda da rua. Não interagi com eles. Segui e observei rapidamente um casarão que, no passado, havia sido um prostíbulo. Raciocinei que não deveria me sintonizar com isto, pois ali no Astral talvez o bordel ainda funcionasse. Assim, prossegui na descida da via.

Na curva seguinte, atravessei a rua para tentar observar o céu, a partir daquela dimensão. Parei antes de atingir a outra calçada e dirigi meus olhos para o alto. Notei que era noite plena e haviam estrelas. Foquei minha atenção e a visão aguçou-se de uma forma incrível. Vi o brilho das estrelas com grande nitidez, percebendo nuances de cores e o belo cintilar daqueles astros.

A seguir, identifiquei a constelação de escorpião. Estava mais linda do que nunca! Quanta nitidez, detalhamento e vivacidade de cores! Além disso, passei a ver outras estrelas próximas, que não era possível enxergar no Mundo Terreno, a olho nu. Por um momento, questionei o que via, mas logo compreendi que naquela dimensão estava utilizando minhas capacidades do corpo astral. Poderia realmente ver estrelas que não eram visíveis no Plano Físico, sem o uso de aparelhos. Ressalto que tenho um conhecimento razoável sobre astronomia, tendo inclusive realizado observações em planetários, quando era mais jovem.

Enquanto observava o céu, notei que se aproximavam veículos pela rua (eu não estava sobre a calçada). Entretanto, não me preocupei muito com os carros, pois sabia que no Astral eles não poderiam me ferir. Continuei observando o céu, percebendo que um ônibus e um carro passaram próximos a mim. Então, raciocinei que deveria dar dois passos para trás, na direção da calçada, de modo que qualquer novo veículo que passasse não viesse a me assustar. Temi que, com um possível susto, pudesse retornar abruptamente ao corpo denso.

Recuei até quase encostar no muro de uma casa, mantendo minha observação no céu e nas estrelas. Rapidamente pensei que, logo depois, miraria na direção do foco luminoso que eu havia visto sobre um dos sobrados, lá atrás. Eu desconfiava que deveria ser a lua. Contudo, a visão das estrelas me absorvia profundamente, devido à beleza e aos detalhes, difíceis de explicar aqui. Assim, permaneci observando, enquanto minha alegria por aqueles momentos ia crescendo. Em

dado instante, comecei a rir baixinho. Logo estava rindo com maior intensidade. Na realidade, fui ficando meio eufórico e perdi o controle, de maneira que em breves momentos abri meus olhos carnaís, na cama de meu quarto.

Fiquei um tanto chateado por despertar. Tinha planos de continuar descendo a rua em ladeira, para realizar testes no local. No entanto, o excesso de alegria encurtou a experiência. Fui até a janela e notei que agora amanhecia.

DATA: 19/05/2014

RELATO 12 – MUDANDO DE DIMENSÃO

Era madrugada e eu acabava de despertar, pois sentia meu estômago pedir algum alimento. Levantei-me lentamente, um pouco contrariado, pois eu passava por uma longa crise de gastrite. Há muitas semanas tomava os medicamentos prescritos, mas a melhora era bastante lenta e gradual. Assim, volta e meia despertava de madrugada para “forrar” o estômago, de maneira que o suco gástrico produzido não atacasse as paredes do órgão.

Fui até a cozinha e coloquei um pouco de sopa numa caneca, que foi logo aquecida num forno de micro-ondas. Após consumir o alimento, escovei os dentes e voltei à cama. Troquei o travesseiro baixo por um bem alto, de forma a evitar o chamado refluxo gástrico. Agora eram 3:30 h da madrugada. Procurei relaxar, mas não desejava ter uma experiência fora do corpo, até porque, com o estômago meio cheio, a tarefa não seria fácil. Resolvi, tão somente, realizar exercícios com fluxos bioenergéticos pelo corpo, utilizando-me de cores variadas, com o objetivo de auxiliar no restabelecimento de minha saúde.

Fiz isso por alguns minutos, até que o sono me pegou. Em algum momento, percebi que estava num ambiente urbano, projetado lucidamente. Caminhei por uma rua, notando, com desgosto, um trânsito pesado de veículos. O fluxo era lento. Eu podia andar mais rápido do que os carros. Por motivo desconhecido, fui parar numa grande metrópole. Não fiquei satisfeito de estar naquela localidade, em plano imediatamente próximo ao físico.

Assim, continuei minha caminhada, resolvendo usar uma técnica para me afastar dali. Passei a inspirar profundamente a atmosfera, embora soubesse que não precisamos respirar quando estamos projetados. A técnica consiste na absorção das energias sutis presentes, através de

inspirações profundas, com a mente focada neste objetivo. Desta maneira, o veículo astral tende a tornar-se mais leve e foi o que aconteceu.

Comecei a flutuar ligeiramente, enquanto sentia a superfície do meu perispírito ficar como que carregado eletricamente. Percebi, também, uma ligeira expansão do meu corpo astral. A cada inspiração, eu subia mais, porém depois de instantes ascendendo, tive uma surpresa. Acabei chegando no que me parecia ser uma dimensão vibratória menos densa que a anterior. Não estava mais em uma grande metrópole. A minha intenção na busca de ambiente melhor, havia me levado a uma “região” dominada por *canyons*.

Agora, eu mantinha a leveza e continuava subindo, mas, a minha frente, havia um grande paredão de rocha. Conforme eu ascendia, a cada inspiração, podia notar alguns estratos diferenciados na rocha. Permaneci realizando a técnica por um tempo, naquela localidade. A sensação era muito agradável e eu estava mais focado no que sentia, do que na paisagem no meu entorno.

Depois de um tempo indefinível fazendo esta atividade, que estava me energizando, despertei no corpo material. Lamentei um pouco o retorno, que provavelmente ocorreu pelo desconforto de estar deitado naquele travesseiro tão alto, assinalado no início deste relato.

DATA: 02/06/2014

RELATO 13 – OBSESSOR NA CASA

Estava na residência de Tetê Souza, naqueles dias da copa do mundo de futebol. Eu assistia a um jogo na TV, à tarde, quando duas amigas dela bateram no portão. Adiantei-me para atendê-las, pois a dona da casa estava ocupada na cozinha. Elas vinham para que a Tetê, que é da área de enfermagem, aplicasse uma medicação intramuscular em uma delas.

Após conversarem por alguns minutos, a injeção foi aplicada. Depois que as senhoras foram embora, Tetê comentou comigo que suas visitas estavam carregadas com negatividade, pois sentira um forte mal-estar durante parte da conversa.

Mais tarde, o relógio marcou 22:30 h e eu, Tetê e a sua filha Fabíola nos recolhemos para dormir. Tive uma noite péssima, despertando várias vezes. Havia algo de errado no ambiente.

Quando a madrugada apresentava as primeiras luzes do dia, despertei mais uma vez e fui ao banheiro. Voltei a deitar-me, muito cansado pela noite difícil. Além dessa situação, eu não estava bem de saúde, pois alguns problemas gástricos me acompanhavam por cerca de quatro meses. Rapidamente adormeci e tive alguns pesadelos, que me fizeram acordar duas ou três vezes, para, então, tornar a apagar.

Porém, num dado instante do sono, ganhei razoável lucidez no quintal da casa, junto à garagem. Ao meu lado, estava um homem parecido com um primo meu. Ele me levou até próximo ao final da garagem. Senti algo negativo, proveniente daquele canto tão escuro. O homem que me conduziu, chamou a minha atenção, falando: “Olha ali!” Logo depois, vi surgir, daquela verdadeira nuvem negra na parte de trás da garagem, um rosto de um homem branco, com barba castanha. Sua fisionomia era típica de uma pessoa muito aborrecida. Não demorou e ele se adiantou, saindo da obscuridade de corpo inteiro. A partir dele, vinha uma espécie de onda de energia negativa, que denunciava a atmosfera de insatisfação por estar ali.

Rapidamente, compreendi que ele havia ficado preso dentro da residência da Tetê Souza, desde o dia anterior, quando viera acompanhando as duas mulheres. Pelo que pude entender, ele ficou retido no local, pelos guardiões que protegem a casa da amiga médium. O homem que parecia ser meu primo, na verdade era um dos guardiões do lugar. Este tipo de experiência, eu já havia passado antes em minha própria residência. Os médiuns ostensivos da Corrente Astral de Umbanda, com alguma frequência, passam por esta situação, pois suas entidades protetoras costumam trabalhar na captura e encaminhamento de desencarnados problemáticos. Após ver o assediador, despertei na cama em definitivo.

DATA: 20/06/2014

RELATO 14 – “BAIRROS” DE LOCALIDADE NO ASTRAL

As recordações dessa experiência fora do corpo se dão a partir do momento em que eu estava bem lúcido, dentro de um prédio relativamente alto. O local era um amplo salão, com janelões de vidro nas quatro paredes, que permitiam larga visão de cada posição possível. O ambiente era dominado pela claridade.

Eu estava acompanhado de uma entidade masculina. Ele havia me levado até ali e me

propiciava um aprendizado sobre aquela localidade no Astral. Existia uma boa conexão mental entre nós, facilitando a troca de ideias. Sentia-me à vontade na presença dele, embora eu não tenha podido trazer uma boa lembrança da sua aparência e da sua identidade. Entretanto, assinala uma significativa familiaridade em relação àquela consciência.

Num certo instante, o ser me convidou a admirar a paisagem, a partir de um dos janelões. Aproximei-me, curioso, em relação ao que iria ver. Notei, à frente, um pequeno morro. No seu topo, relativamente plano, se localizava um simpático bairro residencial, formado por casas de andar único. As ruas eram bem pavimentadas e havia uma arborização harmônica. O sol banhava aquele ambiente, tornando a visão muito agradável. Entreguei-me a uma contemplação do lugar e, então, aconteceu um fenômeno interessante e espontâneo: sintonizei-me com aquela comunidade. Podia sentir a energia emanada pelos seus habitantes. Agradou-me captar as vibrações de simplicidade e tranquilidade, que vinham de lá. O amparador que me acompanhava, logo confirmou as minhas impressões.

A seguir, ele me chamou para observar o horizonte, a partir de outro janelão, numa parede adjacente à anterior, no vasto salão. Dali, pude ver o que seria um outro bairro, cuja estrutura das casas era maior, pois a maioria das residências eram sobrados. Elas se apresentavam mais agrupadas entre si, do que as casas do primeiro bairro avistado. Automaticamente, concentrei minha atenção nesta comunidade e senti a egrégora que a permeava. Foi muito interessante perceber que os desencarnados que ali habitavam se esmeravam em manter antigos hábitos terrenos, buscando uma forma de viver, com uma religiosidade um tanto austera. Novamente, o amparador confirmou o que eu captava.

No entanto, infelizmente a sequência dessa experiência não pude registrar na minha mente consciente. Possivelmente, eu devo ter examinado os dois janelões que faltavam, mas não tive boa capacidade de rememoração. Contudo, esta vivência foi bastante interessante, pois me propiciou constatar, *in loco*, que em dimensão astral próxima ao Plano Material os desencarnados se agrupam conforme o desenvolvimento de suas consciências e a cultura em que viveram, o que não deverá ser diferente em dimensões mais sutis. Em outras palavras, sendo mais sucinto, “o semelhante atrai o semelhante”.

DATA: 24/06/2014

RELATO 15 – LUTANDO POR LUCIDEZ

Mais uma vez, eu acordava de madrugada. Meu estômago exigia algum “combustível” e eu tinha que obedecer, de modo a evitar que uma impertinente gastrite se instalasse novamente. Desci do segundo andar da casa de Tetê Souza, em busca da cozinha. Fiz uma rápida refeição e voltei à cama, no andar de cima. Eram 4:30 h da madrugada e agora o sono não voltava facilmente. Somente depois de, talvez, cerca de 30 minutos, adormeci. Passei a ter sonhos simbólicos e mais uma vez despertei. O meu sono não tinha qualidade, estando muito superficial, mas acabei dormindo novamente.

Momentos em seguida, eu estava fora do corpo. Percebi isso, pois meus braços astrais formigavam, ou seja, havia um estado vibracional (EV) localizado nesses dois membros, o que aguçou a minha lucidez. A partir disso, passei a lutar por aumentar o meu grau de consciência. Tentei compreender onde estava. Procurei pela minha cama e não a achava. A visão mantinha-se limitada e, além do mais, notei imagens oníricas no entorno.

Então, surgiu uma entidade vinda da penumbra ambiente, que aproximou-se de mim de forma tranquila. Era um homem com idade aparente de cerca de 35 a 40 anos, branco, com cabelos lisos curtos e negros, bem penteados. Tinha uma barba negra bem curta e modelada. Ele vestia uma camisa social e calça comprida negras. Notei que era um guardião de Umbanda.

Ele rapidamente mirou-me nos olhos e, em seguida, aproximou uma de suas mãos, em concha, que continha uma substância clara. Logo passou esta mão na parte de trás da minha cabeça (a nuca), esfregando brevemente. Na sequência, senti um cheiro intenso de cânfora, que é um aroma que muito me agrada. Este foi um curto período de boa lucidez extrafísica, possivelmente promovido pela influência da entidade. O guardião logo se afastou e voltei a lutar por aumentar a minha consciência, de modo a prolongar a experiência. Isso estava acontecendo, porque fazia vários dias que eu vinha despertando de madrugada, para comer algo, devido aos problemas gástricos. Assim, eu estava bastante cansado, o que se refletia em pleno Mundo Astral.

Logo depois, eu quis explorar o ambiente e verificar se havia mais alguma entidade no recinto. Porém, nem ao menos eu conseguia entender em que cômodo da residência eu estava. Após um tempo perambulando, deparei-me com conhecidas mesa redonda e cadeiras de madeira. Então, compreendi que não estava no segundo andar da casa, mas sim no andar térreo, onde tudo aconteceu. Entretanto, a projeção não perdurou. Em instantes, eu estava de volta à matéria.

Pela manhã, contei a experiência a Tetê Souza, descrevendo o guardião. Ela contou-me

que o conhecia, pertencendo a sua egrégora de trabalhos espiritualistas. Ela acrescentou que aquela entidade vinha, há alguns dias, contribuindo para a minha melhora de saúde.

DATA: 04/07/2014

RELATO 16 – CRIANÇA COM DIFICULDADE

Após cerca de cinco anos sem atuar, de forma mais regular, num centro espiritualista, eu estava de volta à atividade plena, antes impedida devido a questões familiares mais urgentes. O retorno à ação mediúnica mais ostensiva, no Plano Terreno, logo demonstrou uma correspondência marcante no Mundo Astral. Em pouco tempo, passei a rememorar fragmentos de trabalhos acontecidos “do outro lado”, de cunho bioenergético denso.

Num final de semana na casa da amiga e médium Tetê Souza, que também estava participando do mesmo centro que eu, fomos dormir razoavelmente cansados. Naquele sábado, havíamos retornado da instituição espiritualista, onde fora dia de palestra e passes magnéticos. No entanto, parecia que havia algo a mais. Havia uma sensação de “peso”, desproporcional ao que tínhamos realizado no centro.

Pela madrugada, despertei para ir ao banheiro. Então recordei que, na manhã seguinte, por volta das 7:00 h, meu primo viria me buscar de carro, para votarmos no segundo turno das eleições presidenciais. A seguir, retornei à cama e logo adormeci.

Projetei-me, adquirindo lucidez num ambiente junto com a Tetê Souza. Ela estava mediunizada em pleno Astral, com uma entidade da corrente umbandista. Conversei rapidamente com o guardião, através de Tetê, que assinalou a necessidade urgente de ajudar a uma criança. Acompanhei-o e, em breve, vi um garoto de pele e cabelos claros. O guardião, manifestando-se através da médium desdobrada, disse que ia se afastar dali, para fazer algo que não recordo mais. Fiquei no local, tomando conta do menino. Tentei interagir. Caminhei de mãos dadas com ele e depois deixei-o andar sozinho um pouco. Observei se ele queria brincar com algo. Notei que a criança estava muito passiva, um tanto alheia às coisas em volta. Peguei o menininho no colo e mirei seus olhos. Muito pouco ele me encarou ou interagiu. Parecia estar razoavelmente mergulhado num mundo próprio.

Depois a Tetê Souza, ainda mediunizada pelo guardião, reapareceu com informações.

Porém, a minha condição de rememoração não foi das melhores. Despertei um pouco antes do relógio tocar e fui me arrumar para aguardar meu primo. Ele chegou na hora marcada, quando eu e Tetê tomávamos café. A médium queixava-se de ter algumas dores pelo corpo. Expliquei-lhe resumidamente sobre a experiência extrafísica, da qual ela nada recordava, até porque estava profundamente mediunizada no Astral, o que reduziu a sua lucidez. Meu primo, que também estava frequentando o mesmo centro, entrou na conversa, indagando como era a criança, se era um menino. Eu respondi, de bate-pronto, que sim. Então, ele perguntou se tinha mais ou menos quatro anos de idade e eu afirmei que, aparentemente, sim. A seguir, ele interrogou se o garoto era bem branquinho e de cabelos loiros. Eu confirmei.

A partir disso, meu primo nos explicou que sabia do que possivelmente seria. Segundo ele, deveria ser um caso que ele acompanhava no nosso centro, onde uma mãe que esteve grávida uns anos atrás, ficou viúva durante a gravidez. Seu filho nasceu bem fraquinho, naquelas circunstâncias. Agora, ela frequentava o centro em busca de ajuda, pois mesmo depois de anos ela sentia a presença entristecida do pai do garoto, em sua residência. Tudo indicava que ele não havia se desprendido do lar e sua proximidade causava melancolia e um desenvolvimento muito limitado da criança.

Fiquei surpreso com as informações do meu primo, porque eu e Tetê não estávamos em contato com este caso, já que eu e ela frequentávamos o centro somente nos dias de trabalhos mediúnicos ou de palestra. A jovem mãe e seu filho estavam indo, fundamentalmente, nos dias destinados à terapia, quando o meu primo atuava mais intensivamente. E ele ainda colocou que, possivelmente, o guardião da Tetê Souza estava tentando, no Astral, reduzir a influência do pai falecido. Comentei que era uma hipótese razoável e que o mal-estar que sentimos, no dia anterior, seria justificado por esta densa corrente vibratória, colocada sobre nós, de forma a ajudar no encaminhamento do desencarnado em desequilíbrio.

DATA: 20/10/2014

RELATO 17 – VIAGEM ASTRAL A MADUREIRA?

Eu receberia a visita de uma amiga que estava com problemas familiares, acerca de questões de herança. Sabia que ela estava muito nervosa e precisando de alguma orientação, por

parte de alguém que estivesse fora do contexto, para dar uma opinião mais isenta.

Era um final de tarde e ela chegou, realmente bastante aflita. Deixei-a contar aspectos detalhados do seu caso, para, em seguida, eu tecer algumas ideias e possibilidades de solução. A conversa se alongou por mais de duas horas e, quando ela partiu, sentindo-se visivelmente aliviada com algumas soluções possíveis, eu estava bem cansado.

Por isso, fui rapidamente jantar e tomar um banho, de modo a ir repousar, pois o dia seguinte seria preciso trabalhar intensivamente na empresa. Não esperava por uma experiência extrafísica e nem tentei qualquer exercício projetivo. Apaguei praticamente de forma instantânea, após deitar-me.

Possivelmente devido aos assuntos abordados com a minha amiga, que envolviam até mesmo a possibilidade de agressão física, bem como a questão do uso de drogas, fui parar em uma região umbralina, após desprender-me do corpo físico.

De início, recordo-me de estar num prédio mal conservado, de onde evadi-me com dificuldade, através de escadas internas, após interagir não muito amistosamente com os moradores do local. Ao chegar à rua, reparei que estava numa região com aspectos de pobreza e condições de limpeza sofríveis. Notei que havia grande movimentação de pessoas pelas vias, além de muitos veículos transitando.

Senti-me perdido naquele local. Raciocinei, com a minha “mente terrena” (lucidez limitada), e indaguei a alguns transeuntes como eu poderia fazer para chegar ao Centro do Rio de Janeiro. Só obtive respostas negativas. Ninguém sabia informar. Afligi-me um pouco, pois estava me sentindo um tanto inseguro. Contudo, momentos depois de perambular razoavelmente, analisando a situação, adquiri maior lucidez. Assim, pensei: basta que eu mentalize o meu corpo físico e sairei daqui!

Entretanto, movido por uma certa curiosidade e tentando vencer o desafio de me localizar melhor naquele lugar, voltei a perambular buscando referências, pois acreditava estar numa dimensão astral imediata à material, devendo haver alguma correspondência entre ambas. Olhei os ônibus passantes e não reconheci nada da minha vida cotidiana. Percebi táxis que também rodavam por ali. Um deles parou próximo de mim. Notei que tinha uma parte do vidro frontal quebrado, onde estava enfiado um plástico embolado, de forma a tapar o buraco. Era um táxi bastante longo, como uma limusine. No banco de trás, tinha um homem semelhante a um mendigo, que trazia algumas sacolas de trapos. Portanto, constatei que aquela localidade era algo bem no estilo umbralino.

Insisti em procurar algum ponto de referência, até que divisei uma placa na parede de um prédio, próximo à esquina de um cruzamento. Aproximei-me e consegui ler a palavra “Piraquê” (às vezes é difícil aos projetores ler no Astral). Ao compreender o termo, aquilo não me agradou. Algo brotou do meu inconsciente, alertando que eu estava próximo a áreas com favelas, já que aquilo que existe no Mundo Terreno tem correspondência a sua contraparte extrafísica. Queria evitar animosidades e caminhei numa determinada direção. Porém, em pouco tempo, de fato cheguei à entrada de uma favela. Recuei e, ainda caminhando pensativo, com um sentimento de insegurança, retornei ao corpo material.

Mais tarde, pesquisei na internet o termo “Piraquê” e descobri que a famosa fábrica que leva este nome está no bairro de Madureira, aqui na Cidade do Rio de Janeiro. Além disso, existe uma “rua Piraquê”, também no mesmo bairro. Em seguida, após uma rápida investigação acerca de Madureira, onde só fui fisicamente de passagem por duas ou três vezes na minha vida, encontrei várias favelas na localidade.

Assim, compreendi que possivelmente estivera perambulando na dimensão astral correspondente ao famoso bairro carioca. Achei curioso que o meu corpo denso, durante a experiência, descansava no bairro de Campo Grande, ou seja, próximo a Madureira. Não sei qual a correlação desta projeção da consciência com o caso aflitivo da minha amiga, contado no início deste relato. Entretanto, a situação dela envolvia um objeto de alto valor monetário escondido. Assim, faço a seguinte pergunta: será que este objeto estava guardado em Madureira? Talvez eu nunca saiba a resposta...

DATA: 29/10/2014

RELATO 18 – TRABALHO MEDIÚNICO NO MUNDO EXTRAFÍSICO

Deitei-me sem intenção de realizar uma viagem astral. Pela madrugada, despertei para beber água e voltei a dormir rapidamente. Então, aconteceu uma projeção, provavelmente induzida por um amparador, já que fui levado a um local.

Lá, encontrei-me com a Marta, uma amiga médium que não via há algum tempo. Ela falava raivosamente que era um homem e que sabia resolver as coisas por si próprio. Seu rosto estava endurecido e seu olhar era fixo, denotando irritação e determinação em fazer algo. Comecei a

chamar pelo nome dela, de maneira a que saísse daquela espécie de transe. Marta estava projetada, mas de alguma forma recebia a influência de uma entidade masculina desequilibrada. Uma possibilidade seria uma conexão magnética à distância, ou se tratava de uma “incorporação” no Plano Astral, por um obsessor que tinha seu veículo de manifestação menos denso que o dela. Isto é possível ocorrer, pois nós encarnados podemos sair do corpo físico bastante lastreados pelas bioenergias densificadas do veículo material, permitindo a manifestação mediúnica de desencarnados no Mundo Extrafísico.

A situação perdurou e eu insistia em chamar a atenção de Marta, de modo que ela recuperasse a sua lucidez. Então, houve um lapso quanto à memorização dos fatos e, mais à frente, recordo que eu e Marta passamos a estar na presença de Tetê Souza, Fabíola e Ednah, três outras médiuns amigas. Todos estávamos sentados a uma mesa de uma sala, que parecia pertencer a um centro espírita, a julgar pelo restante do ambiente. Deixei-as e fui para um outro cômodo, aguardando o trabalho desobsessivo, que eu sabia que seria realizado em favor de Marta.

Depois de um tempo, retornei ao local das atividades mediúnicas, notando que Marta havia recobrado sua consciência. Passei a conversar com ela, salientando a necessidade dela de buscar equilíbrio pessoal e evitando aquele tipo de influência negativa. Em seguida, despertei na minha cama, fortemente impactado pela vividez da ocorrência. Tive uma convicção interna de que tudo era verídico e de que Marta deveria estar sob assédio espiritual.

Fui ao trabalho e quando tive oportunidade de ligar para Tetê Souza, ainda na parte da manhã, ela me relatou que não recordava de qualquer atividade extracorpórea. Porém, à tarde, Tetê Souza recebeu uma ligação de Marta, que narrou ter sofrido uma espécie de assédio sexual durante sua última noite de sono. Marta ainda comentou que, pela manhã, resolveu ir a um centro espírita, onde sentiu-se mal, devido a uma entidade agregada a ela.

À noite, Tetê Souza voltou a me ligar, para dizer que Fabíola, sua filha, somente à tarde contou-lhe que estivera no Astral ajudando Marta, pela madrugada. Além disso, Fabíola salientou que notara também a minha presença e a da própria mãe lá. Ou seja, havia boa correspondência entre a minha viagem extrafísica e a de Fabíola. Tetê Souza não havia conseguido rememorar nada, bem como a médium Ednah, que também notei estar presente durante o auxílio espiritual a Marta. Fiquei satisfeito por mais uma comprovação pessoal de viagem astral, por meio da experiência de outra pessoa, a Fabíola, bem como pela confirmação da própria Marta sobre o que vinha passando.

DATA: 06/11/2014

RELATO 19 – TRABALHO TERAPÊUTICO NO ASTRAL

Éramos um grupo de 15 ou 16 pessoas no Astral, estando reunidos para um trabalho terapêutico de autoconhecimento. Identifiquei Tetê Souza e um primo, projetores como eu, sendo eles também trabalhadores espiritualistas no Plano Terreno. Compreendi que ali estavam outras pessoas projetadas, mas não as conheço aqui na vida física. Entre nós, havia instrutores espirituais que atuavam no campo psicoterapêutico. Não percebi se participavam, também, desencarnados em aprendizado.

Foi uma atividade intensiva, mas, mesmo assim, pude rememorar partes bem interessantes do evento. Evidentemente, tudo aquilo fora preparado pela Espiritualidade, inclusive a condução dos projetores até àquele ambiente no Mundo Extrafísico.

Numa determinada fase, fizemos todos um grande círculo e nos demos as mãos. Eu segurava a mão direita de Tetê Souza, que, por sua vez, segurava a mão de um homem desconhecido de nós. Então, nos concentramos para fazer fluir uma corrente vibratória pelo círculo. Desta forma, em seguida, pudemos identificar afinidades e antipatias entre os presentes na roda, oriundas de vivências pretéritas esquecidas. O homem à esquerda de Tetê, e ela mesma, após o círculo ser desfeito, notaram que tiveram problemas no passado, entre eles. Ambos olharam-se constrangidos.

Mais à frente, numa segunda atividade em que deveríamos formar novamente um círculo, de mãos dadas, Tetê e o homem se distanciaram, incomodados pelos sentimentos que afloraram. Para facilitar o processo e darmos continuidade, tive a iniciativa de me colocar entre os dois, para fechar a roda. Quando fiz isso, chamei a atenção de ambos para superarem as diferenças. O trabalho terapêutico continuou...

Houve uma outra fase, que pude recordar bem, em que o grupo não estava em posicionamento circular. Naquele período, dois instrutores tomaram diversas atitudes inesperadas, algumas inusitadas e até provocativas. Logo compreendi que o objetivo era induzir reações dos participantes, de modo a aflorarem atitudes impulsivas, preconceitos ou hábitos não construtivos. Eu mesmo me peguei numa reação que não esperava ter ali, em pleno Mundo Astral. O objetivo principal era promover um desnudamento de nossas personalidades. Foi muito interessante...

Em outro período da vivência, que pude rememorar com boa clareza, estávamos novamente em círculo, porém não de mãos dadas. Uma primeira pessoa chegou perto do ouvido do indivíduo seguinte e comunicou algo. Este, a seguir, fez o mesmo ao próximo, dando sequência.

Então, depois de um tempo, a mensagem chegou a mim. Após recebê-la, notei que era uma frase truncada e com pouco nexos. Assim, rejeitei transmitir algo inútil ou sem bom sentido à próxima pessoa. Desta forma, alterei a estranha mensagem e construí algo novo e claro para o companheiro seguinte, que continuou o processo até o transmissor original.

Então, o instrutor principal que dirigia a atividade destacou-se do grupo, vindo à frente para explicar o objetivo daquela tarefa e fazer-nos refletir. Ele colocou que algumas pessoas simplesmente obedeciam, repassando a mensagem mesmo que ela tivesse pouca lógica. Segundo ele, outros, como foi o meu caso, faziam questão de tornar a frase mais inteligível e clara. Também apontou que alguns, por sua vez, percebendo que a mensagem já vinha truncada, compreendiam ela como uma brincadeira, tornando propositadamente a comunicação mais esquisita ainda. Deste modo, o instrutor nos fez refletir sobre nossas atitudes, sem apontar quem estava “certo” ou “errado”, mas sim dando ênfase na reação e interpretação de cada um à atividade. Ele, por fim, nos estimulou a pensarmos em como reagimos perante a vida e diante daquilo que nos é ensinado ou transmitido.

Despertei em seguida, compreendendo que cada ser possui suas tendências, sentimentos e modos de raciocinar. Cada criatura é um universo em si. A vida é diversidade. Devemos nos respeitar e buscar complementação, nesta jornada, onde ninguém sabe tudo.

DATA: 02/12/2014

RELATO 20 – INTUÍDO PARA AJUDAR

Deitei-me já passando da meia-noite. Tão somente desejei o descanso, não realizando qualquer exercício bioenergético. Pela madrugada, numa hora impossível de definir, encontrei-me projetado e com boa lucidez, numa rua com iluminação fraca. O céu denunciava que o sol ainda demoraria a surgir, naquele lugar, que parecia ser a contraparte astral de uma via pública terrena.

Aparentemente eu estava só, mas a intuição era aguçada, denunciando a presença de algum amparador, numa outra frequência vibratória. Segui o impulso e comecei a subir a rua, que era em ligeiro aclive. Num dado ponto, resolvi deslocar-me flutuando, o que fiz com alguma dificuldade, concentrando-me fortemente. Após instantes de esforço mental, deixei-me descer até o solo novamente, depois de avançar em flutuação por cerca de 10 metros.

Então, notei que havia um homem na parte mais elevada da rua, próximo a um cruzamento. Ele havia observado o meu deslocamento pelo alto, mantendo uma expressão de surpresa no rosto. Fui até ele caminhando, agora, normalmente. Quando fiquei a dois passos dele, lhe disse: “Deus produz muitos milagres!”

Assim que comuniquei esta mensagem, questionei-me interiormente sobre o porquê ter dito aquilo, pois eu sabia muito bem que voitar no Plano Astral não é milagre algum. Mas, logo tive certeza que eu, de fato, estava sendo utilizado por algum amparador, que me induziu a ter falado aquela frase, pois o homem se debulhou em lágrimas. Entre os soluços, ele começou a dizer que iria se renovar, que não se entregaria à derrota e à depressão, como vinha fazendo. Lembrou, inclusive, que possuía uma máquina que havia deixado enferrujando, no quintal da sua casa. Segundo ele, a consertaria para voltar a trabalhar com ela.

Eu não lhe falei mais nada. Apenas terminei de ouvir seus votos de transformação pessoal e, quando se acalmou, despedi-me dele, retornando pela mesma rua. De início, fui caminhando, mas, após cerca de 15 metros, tentei novamente flutuar, o que consegui com maior dificuldade do que na vez anterior. Ao descer ao solo, voltei-me para trás, notando que o homem ainda me observava atentamente. Acenei para ele e segui o meu caminho, descendo a longa rua a pé, sem olhar novamente para trás. Pela manhã, despertei com esta memória da experiência.

Ainda deitado, repassei mentalmente cada etapa desta atividade extrafísica, de maneira a não esquecê-la, para realizar as anotações mais tarde. Depois, concluí que o homem era um encarnado projetado, que pertencia a alguma religião cristã que deve reforçar a questão dos milagres, por uma intervenção divina. Assim, compreendi o porquê o amparador me induziu àquele auxílio, daquela forma, fazendo-me dizer que “Deus produz muitos milagres!”, e, além disso, intuindo-me a fazer um deslocamento aéreo. A frase, com certeza, tocou o coração do homem, de acordo com a sua crença terrena. O voo foi provocado para impressioná-lo, como se eu fosse um mensageiro espiritual elevado. Esta experiência foi curiosa e, na minha opinião, o fundamental é que aquela pessoa tenha sido, de fato, estimulada a sair do seu quadro melancólico. Não sei o quanto ele recordou desta atividade no Astral, que, ao menos, pode ter produzido em sua mente algum sonho simbólico positivo. Na pior das hipóteses, se não recordou qualquer coisa, é possível que tenha despertado com uma vontade maior de vencer suas próprias dificuldades.

DATA: 17/01/2015

RELATO 21 – PASSEIO ENERGIZANTE

Era uma quinta-feira, na qual pude chegar mais cedo do trabalho. Uma vez em casa, realizei alguns afazeres indispensáveis. Só mais tarde tomei um banho. Enquanto o chuveiro funcionava, passei a pensar sobre um livro (“Guardião”) que eu vinha psicografando, mas cujo autor espiritual interrompeu o trabalho, havia algumas semanas. Obviamente que ele respeitava um período no qual eu estava muito atarefado, no meu emprego. Não sobrava muita energia, de minha parte, para psicografar no final de cada dia.

Depois do banho, jantei. Logo em seguida, resolvi reler aquilo que o espírito Guardião havia passado até então. Ao final da leitura, ouvi a voz do amigo espiritual. Senti um fluxo de energias, que identifiquei como um processo de limpeza em meu campo áurico. Depois disso, senti sono e fui me deitar. Rapidamente adormeci.

Num dado momento, percebi-me projetado numa localidade agradável. Não sei como fui parar ali, mas, provavelmente, deveria ser em função da interferência positiva do autor do livro. Eu estava numa rua limpa e com árvores esparsas. Caminhava despreocupadamente, pois notava que o ambiente era amigável. O local era residencial, pois a rua era ladeada por casas comuns ou sobrados.

Em determinado instante, notei que estava sendo seguido. Olhei para trás e vi uma mulher mulata, com um vestido estampado, cujo desenho trazia minúsculas flores coloridas. Com ela, vinha uma menina que parecia ser sua filha, com semelhantes traços faciais e vestimenta. Não as abordei, preferindo continuar meu passeio pelo lugar agradável. No entanto, num certo momento, senti uma corrente de energias atingir-me pelas costas. Tive a sensação de receber um banho refrescante. Meu corpo astral ficou mais leve e sobretudo a base do crânio e a cabeça, como um todo, resfriaram-se.

Então, parei a caminhada justamente debaixo de uma árvore, de modo a avaliar o bem-estar que estava sentindo. Olhei para trás e as entidades femininas também pararam a cerca de sete metros. Conversavam entre si, parecendo-me que desejavam ocultar algo de mim. Compreendi que a boa energia que eu recebera, tinha partido delas. A suposta mãe, agora mostrava em suas mãos duas argolas metálicas, com muitas chaves em cada uma, explicando algo a menina. Mantive-me parado, aproveitando a leveza e tranquilidade, quando senti algo na minha cabeça. Passei a mão direita nos meus cabelos e constatei que haviam pequenos glóbulos entremeados. Retirei um e o examinei. Era como uma pequena flor amarelada, semelhante à camomila. Fui mexendo nos cabelos

e percebi que haviam diversas flores e botões florais. Olhei para cima, mirando a copa da árvore, debaixo de onde estava, pensando na possibilidade daquelas flores terem caído na minha cabeça. Porém, não observei nada parecido, apenas vendo folhagem bem verde.

Deste modo, resolvi ignorar a investigação. Achei melhor apenas aproveitar aqueles momentos de bem-estar. Tornei a caminhar pela localidade, até que, em instantes, despertei no corpo físico. Eu sentia-me muito bem, em plena madrugada. Sabia, interiormente, que de alguma forma recebi uma ajuda extra dos amigos espirituais, já que andava desgastado ultimamente.

DATA: 06/02/2015

RELATO 22 – ASSÉDIO PRÉ-CARNAVALESCO

Seis dias antes do carnaval de 2015, no Rio de Janeiro, eu estava na casa de amigos, num final de semana. Era domingo e, à tardinha, acabava de chegar um casal que vinha de um evento de samba. Senti-me um pouco tonto, logo que entraram na residência.

Conversamos um pouco e, em seguida, fomos jantar. Quando sentamos à mesa, pude perceber que uma entidade masculina estava aborrecida de estar ali conosco. Era um desencarnado bem irritado, talvez por sentir-se preso naquele local, que tinha uma egrégora e proteção espirituais fortes. Por algum motivo, o espírito ficara agregado ao casal, possivelmente a partir do evento de onde vieram. O rapaz e a moça eram jovens médiuns, em desenvolvimento, e isso é bem comum acontecer com sensitivos que, mesmo sem o perceberem, funcionam como verdadeiras “esponjas” ou “ímãs” por onde passam.

Mais tarde, fui me deitar sem pensar no assunto. Não queria me projetar. Apenas desejava descansar, pois no dia seguinte eu iria trabalhar. Contudo, durante a madrugada, passei a sonhar com orgias. Eu despertava e repelia mentalmente aquele contexto vibratório, tornando a dormir. Mas, voltava a sonhar com as mesmas situações, acabando por acordar novamente...

Porém, num determinado instante, não despertei no corpo material, mas sim no Plano Extrafísico correspondente ao cômodo de descanso. E, lá no meio do quarto, estava um homem meio obeso, olhando para uma amiga que dormia numa das camas (éramos três pessoas no lugar, todas aproveitando o conforto do ar-condicionado).

Percebi que ele a observava avidamente. A seguir, adiantou-se com a visível intenção de acomodar-se no leito com ela. Era um assediador sexual. Num ímpeto, avancei até ele e disse palavras, expulsando-o do quarto. Ele intimidou-se perante a minha irritação e recuou até próximo à entrada do cômodo. Então, pensando de forma impulsiva, peguei um chinelo que estava no chão (a sua contraparte astral) e o ameacei, dizendo que bateria nele, se não fosse embora naquele instante. O espírito recuou mais um pouco, virando-se para a porta, já indo embora. Mesmo assim, aborrecido como eu estava, dei uma chinelada em suas costas. A entidade, desta forma, acelerou o seu passo e evadiu-se do lugar.

Em seguida, despertei no corpo denso. Tudo fora muito vívido. Levantei-me para ir ao banheiro e olhei para a amiga, na outra cama. Constatei que ela estava na mesma posição que eu tinha acabado de enxergar, a partir do Plano Astral.

Após deitar-me novamente, refleti sobre o acontecimento. Acabava de certificar, mais uma vez, que o “clima” que se forma na época do carnaval é bastante propício à atuação dos assediadores sexuais desencarnados. Aliás, o que eu sonhava, antes de adquirir lucidez no Astral, era oriundo dos pensamentos e sentimentos do espírito perturbado, que estivera ali presente. Enquanto dormimos, é comum assimilarmos o que está no ambiente próximo, às vezes produzindo sonhos estranhos ou até pesadelos, que, na realidade, são devidos à atmosfera psíquica reinante.

Na sequência, procurei voltar a dormir. Antes de pegar no sono, pensei em minha reação agressiva “do outro lado”, que há muito tempo não tinha lá. O sentimento de irritação que assomara, em mim, havia sido tão intenso, que não repeli a entidade através da emissão de bioenergias, mas sim através da franca agressão. Depois, acabei dormindo. Pela manhã, contudo, recordei estes fatos, que pude anotar devidamente.

DATA: 08/02/2015

RELATO 23 – CASOS EXTRACONJUGAIS E APRENDIZADO

Era o final de uma tarde de março. Eu havia assistido a um vídeo espiritualista que, dentre outros assuntos, abordava questões de ordem sexual. Após o vídeo, meditei um pouco sobre o seu conteúdo e, então, ocupei-me com algumas tarefas mais urgentes, bastante comuns e inerentes a nossa condição de encarnado (fui me alimentar e verificar se tinha algumas contas a vencerem).

À noite, fui me deitar sem ter como intenção obter qualquer experiência extrafísica. Simplesmente adormeci, aproveitando o cansaço e a sonolência do momento. Pela madrugada, despertei para ir ao banheiro. Logo que voltei à cama, dormi rapidamente. Então, aconteceu uma vivência fora da matéria bem interessante, “patrocinada” por um amigo espiritual.

Não podia vê-lo, mas ouvia nitidamente a sua voz. Falava que me traria uma visão sobre a questão do desejo sexual e sua relação com o grau de desenvolvimento das pessoas. A sua didática era curiosa, utilizando-se de exemplos reais do nosso Mundo Terreno, ocorridos há poucas décadas. Ele me possibilitava ver o que os teosofistas chamam de registros akáshicos. Eram imagens acessadas do passado, que se apresentavam vividamente em minha frente. Consistiam em eventos acontecidos com alguns indivíduos ligados ao futebol brasileiro.

Ali, o meu amigo espiritual me mostrava cenas das vidas de alguns atletas e de seus familiares, inclusive assinalando nomes dos quais ainda recordo, mas que eu não revelaria. Em síntese, pude assistir pequenas partes de alguns jogos de futebol, onde o espírito apresentava um determinado jogador, para, em seguida, mostrar imagens de sua vida em família. Explicou sobre duas situações em que houve a chamada traição conjugal, envolvendo atletas que eram amigos fora do campo. Compreendi que aqueles antigos jogadores tiveram casos extraconjugais com esposas de colegas de trabalho.

Segundo o instrutor invisível, na realidade, aqueles seres humanos buscavam reviver os antigos laços (vidas passadas) de atração emocional e sexual. Comentou, até mesmo, sobre um filho que nasceu, mas cuja paternidade não era do esposo “oficial”, uma situação que nunca foi descoberta no Plano Físico.

Aquelas explicações que eu recebia, em nenhum momento, tinham um tom de condenação, nem mesmo de aprovação. Ele apenas queria demonstrar que são necessárias muitas encarnações, para que possamos transformar o instinto sexual em laços emocionais mais sutis.

Além do que já relatei, destaco as cenas muito coloridas e vívidas de lances de futebol, em pleno Maracanã. Notei os uniformes antigos de grandes clubes do Rio de Janeiro e, pelos personagens, foi fácil compreender que se tratava basicamente da década de 70. Quanto às imagens das famílias, ficou bem gravado, na minha mente material, a esposa de um jogador que se apresentava com o seu cabelo afro fortemente alisado, um dos modismos da época.

Finalizando este relato, agradeço a oportunidade do aprendizado no Mundo Astral, que, de certa forma, complementou o vídeo espiritualista que eu havia assistido no dia anterior, na vigília da vida material. Depois de pensar um pouco, resolvi colocar esta experiência neste livro, no intuito

de ser útil para outras pessoas.

DATA: 24/03/2015

RELATO 24 – A GRANDE CAPTURA

Projetei-me mais uma vez, espontaneamente, numa noite em que nada planejei. Havia ido dormir sem realizar exercícios projetivos. Recordo de estar numa extensa área, ao ar livre, acompanhado de pessoas de minha convivência. Todos éramos participantes de um grupo espiritualista, no qual havíamos ingressado recentemente. Somávamos quatro pessoas: eu, Tetê Souza, Fabíola e um rapaz que agora não consigo distinguir a identidade. A localidade era um ambiente meio rural, com extensos gramados e árvores esparsas. Eu sabia que ocorreria uma espécie de *blitz*, em breve, para que fossem presas entidades inamistosas.

Caminhamos até chegarmos a um prédio baixo, onde nos abrigamos por um tempo. Dentro da construção, próximo à portaria, abordei um homem fardado, sentado a uma mesa aparentemente de madeira escura, que parecia ser um policial ou militar. Falei-lhe da minha preocupação com o meu grupo, já que a operação de captura deveria ser tensa, com possibilidades fortes de confusão e luta. Então, para minha surpresa, ele respondeu: “Senhor, eu já informei que entre 2:00 e 4:00 h (da madrugada) a operação vai ser executada. Assim, fora desse período, é mais seguro.” Ele me disse isso e ainda escreveu num papel o horário narrado, para eu entender claramente, enquanto ele fazia a explicação. Fiquei um pouco envergonhado, pois acabei recordando que, momentos antes, eu já o havia importunado com aquela questão. Percebi que, de fato, eu havia passado por instantes de baixa lucidez naquela projeção astral e, agora, recobrava uma consciência melhor. Agradei e me afastei.

Após um lapso de memória, os momentos de tensão já haviam passado. A operação foi completada e eu e meu grupo caminhávamos por uma estrada de terra batida. À nossa frente, como um guia, ia um garoto de pele morena aparentando 10 ou 11 anos de idade. Ele andava com um gingado engraçado, parecendo muito à vontade e feliz, quase dançando. O seu jeito lembrou-me as entidades da Linha dos Erês da Umbanda. Num dado ponto do caminho, à direita, íamos passando por um tipo de galpão velho de madeira. Reduzi meu passo e parei. Fui estranhamente atraído pelo que poderia estar dentro do local. Passei a sentir uma sensação de força, arrogância e agressividade.

Aquela energia mexia com meus conteúdos de vidas passadas, ou seja, com meus sentimentos e hábitos pretéritos, ainda vivos em mim. O que estava no galpão sintonizava-se comigo e eu com “aquilo”.

Aproximei-me da porta de madeira e, repentinamente, o garoto adiantou-se e abriu ela para eu entrar, fazendo uma espécie de mesura brincalhona, com um dos braços estendidos. Entrei, meio “hipnotizado”, pela estranha força que me atraía. Logo percebi que o interior do galpão em nada se parecia com o lado externo. Por dentro, tudo era novo e limpo. Havia uma forte iluminação no ambiente. Aquilo era um extenso salão e, à frente, estavam cerca de 70 entidades, entre homens e mulheres, que pareciam estar presos. Contudo, não havia grades entre essas pessoas e eu. Aliás, notei que aquilo que os mantinha ao fundo do salão deveria ser um tipo de barreira magnética invisível.

Fui até eles, sem medo, sintonizado pelos sentimentos que emitiam. Aqueles seres exalavam uma autoconfiança arrogante. Estavam muito contrariados por estarem presos. Provavelmente, eles foram capturados pela *blitz* a que me referi, no início deste relato. Quando cheguei num certo ponto, a mais ou menos 1,50 m deles, parei. Percebi, intuitivamente, que era o limite da barreira magnética. Alguns me endereçaram palavrões e desafios diretos. Porém, destacou-se um homem sem camisa, bastante musculoso, que com um porrete na mão, disse: “O bom é quando fazemos amizade! Aí é que dá para bater à vontade!”

Após ouvir a esquisita comunicação, entrei em transe. Não perdi a consciência e recordei de ter cruzado meus braços lentamente sobre meu peito. Em seguida, passei a emitir frases numa língua estranha. Pude, então, ver que os prisioneiros comprimiram-se à direita e à esquerda, deixando um quase vazio em minha frente. A entidade que usava a minha mediunidade, em pleno Mundo Astral, era firme, mas não agressiva. Porém, a sua vibração não agradou às entidades capturadas. Em seguida, despertei no meu leito.

DATA: 11/04/2015

RELATO 25 – O “BAIXINHO”

Naquela semana, eu havia ouvido uma conversa entre duas pessoas amigas. Uma delas, uma mulher, havia questionado porque às vezes saía do corpo e reencontrava um antigo namorado.

Ela também explicou que, da última vez, percebera que ele (o ex-namorado) tinha um problema com um familiar. Dias depois, através de outro amigo, soubera que de fato o problema estava acontecendo aqui no Plano Terreno.

Eu não intervi na conversa que ocorria, até porque o interlocutor de minha amiga estava fornecendo uma explicação bem coerente. Afastei-me, em seguida, ficando a refletir sobre os laços vibratórios que mantemos com as pessoas. E pensei, inclusive, nos seres que deixamos no Mundo Extrafísico após reencarnarmos presentemente. Também fiquei meditando sobre pessoas que conhecemos e com as quais interagimos em maior ou menor intensidade em outras vidas, e das quais, agora, estamos momentaneamente afastados. Concluí que cada um de nós deve possuir inúmeros contatos mais ou menos positivos e, em alguns casos, sem maior conexão afetiva.

Passaram-se cerca de três dias e eu não pensava mais no assunto. Então, aconteceu uma viagem astral espontânea, ou seja, não foi produzida intencionalmente através de qualquer técnica projetiva. Após ter despertado de madrugada para ir ao banheiro, logo depois de ter pegado no sono, fui até um lugar com boa claridade. Havia sido um deslocamento instantâneo, pois eu praticamente “surgi” naquele local bem iluminado. Creio que houve a intervenção de algum aparador, de modo a me propiciar um aprendizado, dentro do contexto das minhas reflexões de alguns dias atrás.

Na referida localidade, estava um homem de estatura baixa, com cerca de 1,50 m e com idade aparente em torno de 55 a 60 anos. Sua vibração era pacífica e tinha um sutil sorriso no canto dos lábios. Logo acima, estava um bigode estreito. O rosto era arredondado, demonstrando, como o restante do seu corpo, que não era um indivíduo magro.

Eu olhava fixamente para o seu rosto, mirando os seus olhos castanhos. Ele me observava serenamente. Aos poucos, fui sentindo que conhecia aquele espírito, mas não discernia de onde e de quando. Minha mente funcionava como um *software*, pesquisando um banco de dados complexo e cheio de registros.

Concentrando-me mais no rosto daquele senhor, repentinamente veio à tona da minha memória a jovem face do “Baixinho”. E eu me expressei, muito surpreso, quase gaguejando: “Baixinho! É você Baixinho!?” Não sei o porquê emocionei-me tanto, mas, por isso, retornei de imediato ao corpo físico.

Abri os olhos materiais, sem entender bem o motivo da forte emoção. Era o “Baixinho”, um barbeiro de um estabelecimento da esquina da rua onde eu residi, na minha infância. Ele, às vezes, cortava meus cabelos no período em que eu tinha mais ou menos entre sete e dez anos de idade.

Hoje, enquanto escrevo este relato, tenho 47 anos. Fiz as contas e aquele personagem da década de 70, quando era um jovem barbeiro, muito querido pelas pessoas do bairro, contava com apenas cerca de 20 anos de idade. Ou seja, aquele senhor que eu acabara de ver no Astral, com quase 60 anos aparentes, corresponderia de forma plausível ao “Baixinho”.

Entretanto, durante a experiência, senti que ele era um desencarnado. Devia ter feito a passagem há alguns meses ou poucos anos. Percebi, intuitivamente, que ele havia cumprido sobriamente a sua última encarnação. Emanava serenidade e simplicidade, como fazia desde o passado, na minha infância.

A minha surpresa ao reconhecê-lo, inclusive ao lembrar do apelido, é porque a existência dele, em minha vida, estava apagada da minha memória do dia a dia. Havia sido uma figura simples e coadjuvante na minha trajetória terrena atual. De qualquer forma, talvez haja alguma conexão mais significativa espiritualmente, pois minha emoção denunciou isso.

Então, agradeço ao amparador invisível, durante a experiência fora do corpo, por ter me levado até o “Baixinho”, pois me demonstrou, na prática, o que eu refletia dias atrás. Temos muitos relacionamentos do passado, com inúmeros espíritos/consciências e, embora não lembremos, cada um teve um papel de interação e aprendizado conosco. Somos o que somos hoje, porque outros seres colaboraram de alguma maneira. A vida é uma grande corrente.

Por fim, constatei que, até hoje, não sei o nome de batismo do “Baixinho”, em sua última existência. Uma ironia da vida...

DATA: 20/06/2015

RELATO 26 – OUVINDO UM DESABAFO

Eu vinha, há três dias, sentindo-me um tanto melancólico. Não havia motivo palpável para manter aquele estranho estado de ânimo, que também denotava, por momentos, uma certa passividade perante os acontecimentos e falta de iniciativa. Logo percebi que deveria ser algo externo, ou seja, alguma entidade imersa em suas próprias dificuldades, próxima a meu campo áurico. Constantemente, eu tinha que repelir pensamentos de desânimo e ideias vinculadas a uma falta de perspectivas. E repito, minha vida pessoal e profissional não davam motivos para os sentimentos citados.

Na noite daquela segunda-feira, deitei-me logo após constatar outros sintomas semelhantes ao de assédio espiritual. Então, passei a mobilizar minhas bioenergias, não com o intuito de me projetar, mas sim de proteger-me. Em seguida, ainda procurei canalizar vibrações positivas para o ambiente de meu quarto. Depois de poucos minutos, me senti melhor e dormi.

Pela madrugada, após despertar e beber água, adormeci novamente. Ganhei lucidez extrafísica numa região de frequência vibratória próxima à terrena. Eu caminhava por um lugar movimentado, com luminosidade razoável, ou seja, não se caracterizando como uma faixa umbralina das mais densas. Pessoas de vários tipos transitavam, mas, um jovem claro, aparentando vinte e poucos anos, abordou-me aflito. Ele tinha grande necessidade de desabafar, praticamente barrando-me a passagem, no intuito de contar-me seu sofrimento. Mirei bem os seus olhos e percebi que o rapaz era sincero em sua angústia. Senti que deveria ouvi-lo pacientemente, permanecendo parado, pronto para prestar atenção.

Então, ele me contou sobre o seu estado de solidão e de falta de perspectiva quanto à vida. Estava sem rumo, precisando entender o que poderia fazer. Permanecia infeliz e usava vários adjetivos para explicar o seu sofrimento. Deixei-o falar por algum tempo, sem julgá-lo. Apenas ouvia seus lamentos e não senti ou intuí que devesse dizer-lhe nada. Pareceu-me que este seria o meu melhor papel naquela situação.

Num dado instante, ele parou de falar e notei que sua face estava menos angustiada. Sua expressão era de alívio. Nem mesmo quando um homem se aproximou para acusá-lo, pareceu afetar sua aparente melhora. Aliás, este homem que se achegou a nós pôde ouvir parte do desabafo do jovem e, após o término da comunicação de desafogo, avisou-me que se eu acreditasse nele iria me arrepender, pois o rapaz era um mentiroso e traidor. Além disso, falou alguns impropérios impublicáveis. Como eu e o jovem ignoramos o acusador, este afastou-se.

Após mais uns momentos mantendo meu olhar no rosto do rapaz, constatei que ele estava de fato mais sereno. Assim, afastei-me sem uma palavra. O jovem seguiu outro rumo, parecendo estar grato por alguém tê-lo ouvido compassivamente.

Caminhei por ruas com bastante transeuntes, até chegar numa casa onde pessoas amistosas estavam reunidas. Reconheci uma projetora amiga ali. Falei com vários indivíduos como se os conhecesse há um bom tempo, porém esses não fazem parte do meu círculo de amizades atuais aqui na Terra. Isto não era novidade para mim: encontrar seres no Astral com os quais tenho vínculos de amizade, mas não lembrar exatamente de onde e desde quando os conheço. Mais uma vez constatava que temos "duas vidas": uma terrena e outra no Mundo Sutil.

Depois de um tempo, despertei no meu corpo material com estas memórias que pude, aqui, relatar. Concluí, após meditar um pouco sobre a experiência, que o rapaz que havia desabafado comigo, no Plano Extrafísico, deveria ser a entidade que me acompanhava no Mundo Material e da qual eu captava seus sentimentos melancólicos. Creio que a minha disposição de ouvi-lo, somada a uma possível ajuda de algum amparador em nível vibratório mais sutil, possa ter encaminhado o jovem para um rumo mais equilibrado. Nos dias que se seguiram, eu não percebi mais a sua presença e fiquei plenamente bem.

DATA: 10/08/2015

RELATO 27 – ANTEVÉSPERA DE TRABALHO NO CENTRO

O relógio marcava 11:15 h da noite, quando desliguei a luz do quarto. Pensei, brevemente, que seria bom realizar uma projeção astral com lembrança. Ultimamente, eu não vinha me dedicando com frequência aos exercícios projetivos, simplesmente deixando, na maioria das vezes, que as viagens astrais ocorressem de forma espontânea. No entanto, naquela oportunidade, senti vontade de usar a técnica da esfera dourada. Como eu estava cansado, logo após o início do exercício, “apaguei” rapidamente.

Em algum momento da madrugada, recorde-me de ter encontrado a Tetê Souza e a senhora Vanda. Estávamos numa construção, que identifiquei ser a contraparte astral do centro espiritualista, onde eu vinha atuando no Plano Terreno, há pouco mais de um ano. O templo pertence à corrente umbandista, mas possui outras atividades como, por exemplo, trabalhos específicos de cura, assistência material a famílias necessitadas etc.

Bem, retornando ao relato, notei que estava na dimensão astral correspondente ao centro. As atividades eram muito variadas e intensas, o que não permitiu ao meu cérebro físico, no nível consciente, registrar tudo em minúcias. Tive uma espécie de lembrança que chamo de “condensada”, que é um resumo do que ocorreu nesta primeira fase da projeção. Um fato relevante foi uma conversa que tive com uma pessoa desconhecida projetada. Ao abordá-la, fiz um tipo de leitura psíquica de seu campo áurico. Era um jovem de pele branca e cabelos escuros, mais ou menos 25 anos, que precisava de ajuda. Falei a ele que o seu problema era o álcool. Assinalei que ele abusava da bebida e, embora não se considerasse um alcoólatra, estava caminhando

perigosamente para tornar-se um dependente. O rapaz sorridente, humildemente, concordou.

Outra atividade que recordei, de forma sintética, foi um atendimento externo ao centro. Num certo local, buscamos um desencarnado que vivia a esmo, como um mendigo. Resgatamos ele, que estava meio desorientado, e encaminhamos aos trabalhadores espirituais do templo.

As demais ações que fizemos, na contraparte astral da casa umbandista, que, aliás, era bem maior do que a construção correspondente no Plano Físico, foram atividades de arrumação e preparação energética dos vários cômodos. Alguns destes ambientes pareciam pertencer a uma espécie de enfermaria ou hospital. A preparação estava acontecendo porque, dentro de dois dias, haveria uma sessão no centro e, provavelmente, vários desencarnados em desequilíbrio seriam trazidos para a nossa egrégora.

Na sequência, despertei no corpo denso, pois precisava ir ao banheiro. Olhei para o relógio e eram 6:30 h da manhã, quando voltei à cama. Decidi descansar um pouco mais, pois era cedo para ir ao trabalho. Repassei pela memória o que vinha fazendo no Astral e relaxei. Acabei me projetando novamente, para a contraparte astral do terreiro. Voltei às tarefas de arrumação e preparação bioenergética dos cômodos.

Num desses quartos, que pareciam ser de uma enfermaria ou local de repouso para convalescentes, encontrei-me com um rapaz que já conhecia. Era um desencarnado que atuava como trabalhador espiritual do centro. Quando terminamos a nossa função ali, nos dirigimos para a porta de saída, rumo a um extenso corredor, onde era possível ver as portas dos outros cômodos. Num rompante de espontaneidade de minha parte, falei a ele: “Sabe que eu me sinto muito bem na sua presença?” Ele sorriu para mim, nada dizendo. Estava trajado com uma calça azul clara e camisa branca. Era um jovem de pele branca e cabelos cacheados loiros, aparentando cerca de 23 a 25 anos de idade. Seu rosto era largo e seus olhos eram azuis.

Mirei bem nos seus olhos e, passando meu braço sobre seus ombros, disse a ele: “É como se você tivesse sido meu irmão de sangue, lá na Terra.” Então, ele sorriu mais intensamente e seus olhos demonstraram felicidade pelo meu reconhecimento. Contudo, não falou nada, mais uma vez. Caminhei alguns passos com ele, pelo corredor, enquanto meu braço direito ficava sobre seus ombros. Percebi que meu chakra cardíaco expandiu-se, vibrando forte. Notei, também, que todo o meu campo áurico se expandiu e houve uma fusão ao campo da entidade.

Em seguida, voltei ao meu corpo material e o relógio marcava 7:15 h da manhã. Fiquei com a sensação agradável de irmandade, por um tempo relativamente longo, até que cheguei ao trabalho. Lá pude registrar todas as recordações, antes que alguém me chamasse para alguma tarefa.

Consegui ainda refletir quanto aos nossos amigos espirituais e sobre os seres que atuam nas egrégoras espiritualistas. Concluí que muitos deles simplesmente são almas afins, com as quais tivemos laços de parentesco e afeto no passado. Os elos não se rompem.

DATA: 24/09/2015

RELATO 28 – O SUSTO EVITADO

Aquela noite de fevereiro de 2016 foi marcada por várias idas ao banheiro. Eu estava com cólicas intestinais que me obrigaram a ir, pelo menos, três vezes por lá.

Assim, eu vivenciava um sono leve, o que me permitia manter, ao mesmo tempo, uma certa percepção do ambiente físico e também do Astral, em vários períodos da noite.

Pela madrugada, bebi água por várias vezes na intenção de me reidratar. Já quase pela manhã, estava com forte vontade de urinar. Embora o cansaço e a preguiça, dei um impulso para levantar-me e retornar ao banheiro. No entanto, ao meu lado direito, percebi um vulto alto, todo de branco, que segurou no meu braço e disse, num tom masculino:

- Agora não! Espera um pouco!

A voz me era familiar e, sem refletir, simplesmente respondi:

- Tá bom!

Permaneci na horizontal por uns instantes, até que pensei: “Por que não posso sair do quarto?” Ao pensar nisso, reacoplei-me ao corpo físico e abri os olhos. Na realidade, eu estivera fora da matéria, próximo ao corpo material, momentos antes, quando a entidade segurou no meu braço astral, impedindo-me de sair do cômodo.

Resolvi sair para conferir porque deveria esperar um pouco, conforme fui prevenido. Levantei devagar e abri, cuidadosamente, a porta do quarto. Olhei para fora e percebi que havia alguém no banheiro, que fica a cerca de três metros do quarto. A pessoa urinava de porta aberta, pois eu ouvia o típico barulho de líquido pingando no vaso sanitário. Recuei e fechei a porta do meu cômodo, voltando a deitar. Calculei que fosse a Fabíola, que teria acabado de sair do quarto dela, próximo ao que eu estava.

Tentei dormir, mas não consegui, pois minha bexiga estava cheia. Somente cerca de

meia hora depois, retornei ao banheiro para me aliviar.

Pelo horário do almoço, Fabíola retornava da rua e perguntei-lhe se fora ela quem havia ido ao banheiro com a porta aberta, quase pela manhã (havia outras pessoas na casa naquela noite). Ela me respondeu que sim. Então, contei-lhe que uma entidade havia a protegido de tomar um susto, com a minha possível presença intempestiva no banheiro, no mesmo momento que ela. A jovem riu da situação e eu comentei que, às vezes, nos é dada a oportunidade de percebermos a presença dos espíritos a nos avisar de fatos corriqueiros, em experiências fora do corpo, basicamente para que tenhamos uma confirmação dos fatos.

Além disso, posso assinalar que, como os amparadores sabem que eu escrevo livros sobre o tema, um deles deu-me a chance de registrar, naquele dia, uma ocorrência singela que pôde ser confirmada logo a seguir.

DATA: 12/02/2016

RELATO 29 – ENVELOPAMENTO ECTOPLÁSMICO

Antes de apresentar o relato intitulado “envelopamento ectoplásmico”, um conceito que desenvolvi com o tempo, preciso voltar ao passado e colocar uma experiência antiga, de 1993, pois ela está relacionada ao presente relato. Assim, será mais fácil entender o contexto e o conceito. Então, vamos à viagem astral da década de 90 (“Paralisado na cama”), que consta no meu primeiro livro (“Experiências Extrafísicas”) sobre a temática projetiva:

Um dia, passei por um fenômeno desconhecido até então. Havia me deitado e rapidamente um torpor forte tomou conta de mim. Tinha plena consciência de estar repousando na cama, no quarto que dividia com meu irmão na época. Repentinamente, comecei a ouvir gemidos que, progressivamente, cresciam em intensidade. Quis ver de onde partiam os gemidos, mas apenas enxergava um ponto de cor cinza claro num espaço escuro. Aquele ponto vinha aumentando de tamanho, paulatinamente. Na realidade, algo rodopiando estava se aproximando de mim. Aquilo era a fonte dos horríveis gemidos.

Eu desejei levantar-me da cama, ou seja, fugir daquela situação incômoda. No entanto,

o meu organismo não obedeceu. Praticamente, não sentia o meu corpo (eu estava meio fora do Plano físico, isto é, semiprojetado). Então vi, estarrecido, que o “objeto” continuava a se aproximar. Para a minha surpresa, percebi que era um homem dentro de uma espécie de casulo. O indivíduo estava todo enovelado por um tipo de “teia” esbranquiçada e vinha rodando no “espaço”. Os gemidos haviam se tornado ensurdecedoramente altos.

Como não dava para evitar aquela situação, resolvi me entregar à oração. Pensei que somente forças superiores poderiam ajudar-me naquele momento e, quem sabe, auxiliar também àquele sofredor. Aguardei a sua aproximação, mas, reacoplei-me ao corpo material. Abri meus olhos físicos e mexi um dos braços. Eu estava com uma taquicardia considerável. Contudo, continuei orando por mais algum tempo, até me acalmar. Só então levantei-me e fui beber um pouco de água.

Comecei a conjecturar sobre o porquê teria acontecido aquilo. Seria um mero pesadelo? Será que eu havia exagerado na janta e, por isso, alterado a fisiologia normal do sono? Logo afastei estas hipóteses, pois a experiência tinha sido muito vívida. Entendera, então, que havia ocorrido uma espécie de assistência induzida pela Espiritualidade, com a intenção de socorrer ao espírito em sofrimento. Entendi que talvez tivesse sido necessário um contato com aquele ser, de modo que ele fosse beneficiado pela energia que eu pudesse doar.

E quanto à paralisia de meu corpo? Como se explicaria? Em verdade, eu passara por uma “catalepsia projetiva”, que é provocada por uma certa descoincidência entre o corpo físico e o veículo astral (falta de acoplamento perfeito entre ambos). No entanto, naquela época, eu nunca havia ouvido falar nisto, de forma que ainda ficara esta dúvida em minha mente.

Bem, é possível notar que grifei um determinado trecho da experiência, pois ele é o mais relevante para o presente propósito. Desde aquela época (1993), mergulhei num processo de desenvolvimento mediúnico e, ao longo dos anos, minha sensibilidade aos espíritos se aprofundou bastante. Com o passar do tempo, percebia, com alguma frequência, entidades perturbadas junto ao meu campo áurico, por diversos motivos, à busca de ajuda. Os tipos de seres eram variados, desde os praticamente inconscientes até os bem lúcidos em seus propósitos. Alguns estavam simplesmente perdidos, enquanto outros me viam como inimigo. Em certas situações, esses encontros com os espíritos parecia ser fortuito, mas, em outras oportunidades, era evidente a participação dos mentores ou guardiões, que os colocavam junto de mim, de modo a levá-los até as sessões espiritualistas e encaminhá-los.

No entanto, quando os desencarnados estavam em desequilíbrio mais profundo, notava um uso específico de minhas bioenergias (ectoplasma), que aprisionava o espírito no meu raio de ação áurico. Percebia que eles se debatiam próximos de mim, queixando-se, ou mesmo ficando revoltados com a minha pessoa, não conseguindo se afastar. Era bem perceptível que eles estavam presos. Eles queriam ir embora e eu até desejava que isso acontecesse, porque a presença deles me causava uma série de desconfortos, até físicos. Mas, havia uma causa para isto acontecer e que era devido à ação dos guias espirituais e/ou dos trabalhadores chamados exus. Eles imantavam as criaturas ao meu campo mediúnico, até que eu chegasse nas reuniões espiritualistas.

Passei a meditar sobre qual processo era usado nesses acontecimentos narrados logo acima. Um dia, veio-me à mente a experiência extrafísica de 1993 e achei que era possível ser uma resposta plausível: aquele “casulo” que envolvia o espírito, naquela oportunidade, deveria ser ectoplasma. Ou seja, minhas próprias bioenergias em utilização para aquele propósito.

Nos últimos anos, passei a comentar este processo para a companheira Tetê Souza, uma ótima médium, porque os mentores vinham me intuindo que este envelamento ou “envelopamento ectoplásmico” era uma percepção correta de minha parte, embora os espíritos em desarmonia possam ser encaminhados também de outras formas. Tetê Souza concordou comigo, mas, na experiência que conto a seguir (toda em negrito), tive a oportunidade de constatar o fenômeno mais uma vez:

Pela madrugada, despertei no Astral. Estava flutuando deitado, um pouco acima do corpo físico. Mantinha boa lucidez, talvez amparado por algum mentor. Olhei para o teto do quarto brevemente e resolvi examinar o meu lado esquerdo. Para minha surpresa, quase grudado no meu veículo sutil, havia uma espécie de “múmia”. Era uma entidade toda coberta com o que aparentava ser um tecido branco e relativamente luminoso (quase no tom de uma lâmpada fluorescente). Tomei um enorme susto e empurrei o grande “objeto extrafísico”, com dificuldade. A seguir, despertei na cama.

Horas depois, contei a ocorrência à Tetê Souza e concluí que o “envelopamento ectoplásmico” é algo real, isto é, consiste num procedimento promovido por trabalhadores espirituais, para encaminhar seres em graves dificuldades para outras dimensões, retirando-os das proximidades do Plano Terreno.

Caso eu tenha novas experiências confirmadoras, com certeza não me furtarei a

compartilhar. Por outro lado, estou atento à literatura espiritualista, no empenho de encontrar relatos semelhantes ou explicações que corroborem o que vivenciei.

DATA: 14/02/2016

RELATO 30 – ENTIDADES EM TRABALHO

Eu conversava com Fabíola, no Plano Astral, sobre assuntos corriqueiros e ela parecia ter pressa. Estava um tanto ansiosa. Num dado instante, senti a vibração de um preto-velho e permiti a minha mediunização por aquela conhecida entidade espiritual.

Pai Cipriano, agora, assumira o diálogo com Fabíola. Dentro do meu processo de semiconsciência, pude compreender que ele disse à moça: “Filha, não vá embora agora. Espere mais um pouco.” Notei o rosto de Fabíola como que resignando-se a aguardar, ali, por um tempo a mais. Estávamos sentados um de frente para o outro e mantinhamo-nos separados por uma pequena mesa branca quadrada e de aparência metálica. Então, o velho guia da Umbanda voltou a falar com a jovem: “Me entrega isso que está aí com você!” Fabíola, em seguida, retirou algo da roupa que cobria seu corpo astral, colocando sobre a mesa. Pude perceber que o material, depositado em grande quantidade sobre a mesa, era uma espécie de pó esbranquiçado, a semelhança de pó de pemba. Os umbandistas sabem que isto é muito utilizado em imantações de vários tipos no Plano Terreno, porém, não raras vezes, é aplicado em magia negra, por pessoas mal intencionadas.

A seguir, recordo que todo o pó, de uma forma instantânea, foi acondicionado dentro de um pacote, aparentemente de papel. Um fenômeno de plasmagem acabara de ocorrer, através do comando mental do preto-velho. Senti que ele ia pegar aquele “embrulho”, mas, para minha surpresa, a entidade já não estava mais comigo. Percebi meus braços astrais se esticarem na direção do “pacote” e tive vontade de rir. Então, manifestou-se através de mim, em mais uma mediunização, uma criança espiritual de nome Zequinha. Ele puxou o material empacotado, dizendo: “Deixa comigo!” Na sequência, falou algumas coisas para a Fabíola, em tom brincalhão, mas não posso recordar exatamente o conteúdo, seja devido à semiconsciência, ou talvez por uma falha de lembrança da experiência extrafísica. Logo a seguir, despertei em minha cama.

Depois de ter lanchado, ainda pela manhã daquele sábado, apareceu Fabíola com o rosto aparentando um pouco de sono. Contei-lhe minha experiência no Astral, mas ela falou que não

recordava qualquer coisa (faltou-lhe capacidade de rememoração). A jovem apenas lembrava que, bem antes, mais ou menos pelas 6:00 h da manhã, havia despertado no seu quarto e pensado em ir logo para o seu trabalho, onde gerenciava uma clínica. Mas, ela reavaliou este seu primeiro impulso, pois, sendo sábado, poderia descansar um pouco mais, indo para a labuta mais tarde. Isto foi resultado da indução mental feita pelo preto-velho, um pouco antes, no Mundo Astral.

E ela ficou ali conversando comigo e com as demais pessoas da residência, até que recebeu um telefonema. Era a secretária da clínica, informando que havia acontecido uma confusão com determinada paciente, que exigia um atendimento mais rápido. A mulher, inclusive, queria passar à frente de outros clientes indevidamente. Fabíola, então, dirigiu-se à clínica e contornou a situação com habilidade. Mais tarde, retornou e contou os detalhes desse evento.

Este foi um interessante caso de um trabalho mediúnico, realizado em pleno Mundo Astral, com confirmação pessoal posterior de sua veracidade e eficácia. Pai Cipriano havia retido Fabíola “do outro lado” o quanto pôde, para evitar que ela saísse muito cedo e fosse surpreendida pela paciente desequilibrada. Tendo ficado em casa um pouco mais, possibilitando que fosse avisada previamente pela secretária, ela pôde elaborar argumentações mais seguras, durante a ida ao trabalho, de modo a evitar mais confusão na clínica. Além disso, Fabíola me confessou, após o acontecimento, que não vinha sentindo-se bem nos últimos dias e com forte tendência à irritação. Ela disse crer que aquilo que havia ocorrido no Astral fora uma limpeza de seu campo áurico, pelo preto-velho e com a ajuda do erê Zequinha. Talvez, por isso, tenha se sentido melhor para lidar com a situação, que estava por acontecer.

A conclusão a que podemos chegar é que a Espiritualidade atua sempre na proteção e orientação daqueles que fazem por merecer. Muitas pessoas que procuram fazer o melhor têm essa proteção, porém nem sempre sabem como isso aconteceu no Plano Astral.

DATA: 12/03/2016

RELATO 31 – ENCONTRO COM HUMORISTA DESENCARNADO

Recordo que eu andava por um extenso parque, numa localidade em que não havia grande luminosidade. Era um local com uma densidade vibracional semelhante ao Umbral, ou seja, uma de suas “faixas”. Porém, eu não temia nada em especial. Sentia-me seguro. Apenas caminhava,

observando para aprender e também tentando intuir qual a minha tarefa ali. Vi muitas pessoas com aparência relativamente jovem. Eles procuravam se divertir. Havia vários grupos dispersos, em pequenas aglomerações, e em cada uma ocorria algum tipo de apresentação teatral.

Depois de perambular por vários setores daquele ambiente, aproximei-me, em especial, de um determinado agrupamento. Notei que, sentada num banco aparentemente de pedra, estava uma mulher semidesnuda. Em frente a ela, havia uma mesa também com aparência de ser de pedra, onde apoiava os cotovelos. No seu entorno, alguns jovens aguardavam que ela se movimentasse. Aquilo era um tipo de jogo, em que a jovem se fazia de estátua, mas, em certo momento, movimentava uma parte do corpo, mostrando porções que estavam escondidas. Percebi o interesse sensual e me afastei.

Caminhei mais um trecho, aproximando-me de outra aglomeração, e o quadro que vislumbrei era semelhante ao anterior: outra mulher seminua, também sentada num banco, fazendo-se de estátua. Às vezes ela se movimentava, deixando aparecer uma parte do seu corpo. Os jovens à volta estavam magnetizados. Afastei-me, logo na sequência.

Segui em frente e cheguei próximo à saída do local, onde havia um grande portão aberto. Notei brevemente que eu estava sendo seguido, mas nada temi. Quando já estava perto do portão citado, vi entrando uma figura conhecida. Era um humorista famoso, desencarnado há poucos anos. Fui em sua direção, para confirmar se era ele mesmo. Quando cheguei perto dele, parei e olhei em seus olhos. Notei que ele estava rejuvenescido.

Senti uma vibração espiritual e entrei num transe leve. Passei a falar com o humorista. Não lembro exatamente todas as palavras, mas sei que o sentido global era sobre a sua última vida terrena, um resumo, e ao final recordo as palavras que saíram da minha boca: “Lembro ao senhor, que uma coisa muito boa fez, enquanto estava na Terra. O senhor fez muitas pessoas sorrirem!”

Ao final do meu breve “discurso”, voltei a mim e percebi que humorista estava emocionado. Haviam lágrimas em seus olhos. Em alguns instantes, ele se recompôs e também proferiu algumas palavras. Ele estava grato com relação ao que eu pude transmitir e, no final, fez um pequeno protesto em tom jocoso, dizendo que gostou do que eu havia falado, mas que, infelizmente, eu havia feito ele chorar.

Nos entreolhamos e eu senti que ele precisava prosseguir para dentro do parque. Compreendi que o experiente humorista estava cumprindo uma tarefa ali, usando as suas habilidades em contar piadas, distrair os outros e em magnetizar a atenção das pessoas com as técnicas que havia desenvolvido no Plano Terreno. Naquele ambiente, a sua função era atrair a

atenção daqueles jovens, que pareciam meio perdidos. Provavelmente eram também desencarnados e aquele humorista pareceu-me que precisava fazer aquilo para trazer alguns jovens com ele, para fora daquele parque, e, depois, promover um encaminhamento a locais de esclarecimento e reequilíbrio.

Continuei caminhando para a minha meta. Eu sabia que deveria retornar para uma espécie de edifício. Chegando ao local, entrei pela porta principal e percebi que alguns jovens haviam me acompanhado. Lembro bem de uma moça negra e um rapaz moreno, bem como mais umas duas pessoas, também na fase de adolescência. Eles pareciam atraídos pela minha pessoa e eu não sabia bem o porquê. Talvez estivessem atraídos pelo ser que havia me utilizado há poucos instantes, para passar a mensagem ao humorista, que agora era um trabalhador espiritual. O mentor que me acompanhava e que estava invisível, em nível vibratório mais sutil, era bem perceptível para mim.

Caminhei por um corredor comprido e eu sabia que não deveria deixar aqueles jovens entrarem num determinado local comigo. Quando cheguei em frente a uma porta específica, abri ela rapidamente, entrei e a fechei com agilidade. Deixei-os do lado de fora, mas sabia que eles já estavam dentro do prédio e, ali, outros iriam recebê-los.

Dentro do cômodo, logo encontrei várias pessoas. Passei por Tetê Souza, companheira frequente em trabalhos espiritualistas, que tinha o rosto um pouco cansado. Logo uma menina muito simpática e sorridente veio correndo até a mim e ela falou que trouxe um recado da vovó. Abaixei-me para conversar com a menina, que tinha pele clara, cabelos negros curtos e lisos e um grande sorriso no rosto. Antes que ela falasse, eu disse que já sabia a mensagem da vovó. Ela, com seus olhos brilhantes e em expectativa, esperou eu falar. Então, eu disse que já sabia que tinha que trabalhar muito com as Almas. Eu, interiormente, entendia que tinha tarefas difíceis no centro espiritualista onde trabalho, no ambiente terreno. O sorriso da criança espiritual confirmou a minha intuição. Havia compreendido que o recado que a menina trazia, tinha partido de uma vovó de Umbanda, que esteve incorporada em Tetê Souza, ali, no Mundo Astral. Em seguida, despertei em meu leito, com o rosto da criança bem nítido na minha mente.

DATA: 11/04/2016

RELATO 32 – REENCONTRANDO UM TIO FALECIDO

Meu tio Wellington falecera há cerca de seis meses. O desencarne havia sido difícil, pois estava com o Mal de Alzheimer, uma doença degenerativa. Permaneceu internado no hospital, em coma, por três meses, até que partiu.

Segundo entidades do grupo umbandista no qual eu participava, à época, ele foi levado para um hospital espiritual, mas continuava dormindo, "do outro lado". Ele tinha muito apego à vida material, somando-se a uma boa dose de medo de "morrer".

Pois bem, no sábado de ontem (22 de julho de 2017), fui involuntariamente a um local generosamente mobiliado, semelhante ao que temos em boas casas ou apartamentos aqui do Plano Físico. Vi meu tio andando de um lado para o outro, bem remozado na sua aparência. Falava algumas coisas, que me permitiram concluir que não tinha noção do problema degenerativo pelo qual passara, no Mundo Material. Compreendi também, que ele ainda não entendera que havia atravessado um processo de desencarne. A seguir, despertei na cama.

Alguns minutos depois, fui lanchar. De repente, alguém bate no portão de minha residência. Fui atender e era meu primo, Márcio, filho do tio Wellington. Este meu primo também é espiritualista como eu. Logo falei que havia visto seu pai no Astral, na noite anterior ou pela madrugada. Ele, surpreso, contou-me que havia se perguntado mentalmente, na última sexta-feira (21 de julho de 2017), se seu genitor já havia deixado de dormir "do outro lado".

Contei-lhe a minha breve experiência extrafísica e ele concluiu: "Aí está a resposta para a minha pergunta." Falei para o Márcio aguardar novas notícias, através de outros parentes, que às vezes também se projetam, para confirmar melhor, porque minha experiência havia sido muito curta e sem maiores detalhes. No entanto, meu primo reafirmou que a resposta desejada por ele já tinha chegado, naquele domingo.

DATA: 22/07/2017

RELATO 33 – ATRAÇÃO NEGATIVA

Havia cerca de uma semana, que uma amiga médium do centro espiritualista onde eu

também trabalhava, fora chamada pela dirigente da casa para ajudar num trabalho de descarrego. O motivo era ajudar uma mulher em grande aflição, que havia sido alvo de magia negra. Ela não dormia e seu corpo apresentava coceira, inchaços e vermelhidão constantes, além de sensações bem desagradáveis de queimação.

Minha amiga pôde comparecer, mas eu não. No entanto, como os médiuns de um centro sempre dividem as cargas pesadas que são trabalhadas, eu não fiquei ileso. Senti, à distância, a repercussão energética da atividade de limpeza. Tive dificuldades de dormir por três dias seguidos e alguns outros desconfortos. No quarto dia, uma segunda-feira, quase pela manhã, projetei-me involuntariamente.

Dei por mim em uma zona umbralina. O local tinha pouca claridade e era muito sujo. Com uma boa lucidez, percebi que havia sido atraído para aquele ambiente, levado por uma corrente vibratória negativa. Havia uma correlação com o descarrego acontecido há poucos dias. Olhei no entorno para me localizar melhor e ver o que faria ali. A minha direita, numa ribanceira próxima, ouvi gemidos e palavras em tom de revolta. Aguçando a atenção, notei dois seres no solo. Um deles dizia repetidamente: “Você vai me pagar!” A outra criatura gemia, até que disse: “Não aguento mais!”

Então, senti que não deveria sintonizar-me com aquela situação. Os dois seres estavam profundamente enredados carmicamente e compreendi que eu nada poderia fazer naquele momento. Eles tinham deformidades. Os membros estavam atrofiados. As pernas eram, basicamente, cotos. Ambos estavam estranhamente entrelaçados. Um magnetismo de ódio e vingança os mantinha agregados.

Segui à frente, afastando-me daquele embate infeliz. Adiante, vi outros dois seres em situação semelhante e com parecidos desgastes perispirituais nos membros. Eles se odiavam também e permaneciam ao solo. Caminhei um pouco mais e vi outra dupla de espíritos, também entrelaçados, em cobrança mútua.

Como eu havia percebido que fora atraído para aquele local, de modo a apenas me constranger e me desgastar, pois eu estava numa situação de impotência perante tanta tristeza, resolvi sair dali.

Nenhum amparador havia me levado àquela localidade, mas sim, aquilo era uma armadilha de seres desequilibrados, que desejavam vingar-se dos médiuns que haviam interferido ou realizado doação bioenergética em favor da jovem mulher, citada no início deste relato. Aliás, ela havia melhorado substancialmente a partir do descarrego realizado, sendo orientada a retornar mais

vezes ao templo umbandista.

Bem, como havia dito, eu queria sair daquela área do Umbral. Eu estava um tanto aflito e nem mesmo me lembrei de mentalizar meu corpo na cama, uma técnica para retornar de imediato. Então, pensei em pedir ajuda à Espiritualidade. Logo, gritei: “Valei-me meu Santo Antônio!” Automaticamente ao pedido de socorro ao “Patrono dos Exus”, os guardiões da Umbanda, obtive sucesso. Retornei ao veículo material, aliviado por não mais estar naquele ambiente de tanto sofrimento.

DATA: 24/07/2017

RELATO 34 – O PRÉDIO COM LUMINOSIDADE SOLAR

Aquela noite vinha sendo povoada de sonhos fisiológicos. Eu estava cansado devido a uma “maratona” de atividades, tanto no trabalho material, como na labuta do centro espiritualista. Nesse contexto, a mente humana de alguém encarnado precisa de um certo repouso para o restabelecimento do equilíbrio. E isto se dá através de uma boa alimentação e do descanso noturno em local tranquilo. Quando a mente está sobrecarregada, o sono vem acompanhado dos sonhos fisiológicos, já citados, que é um processo natural de reequilíbrio.

Assim, despertei em plena madrugada, após uma significativa “sequência onírica”. Estava me sentindo melhor de todo o desgaste dos últimos dias. Tomei alguns goles de água e deitei-me novamente.

Logo adormeci e, em momento incerto, projetei-me involuntariamente. Estava dentro de uma construção, em pleno Mundo Astral, semelhante a um centro de pesquisas terreno. Os cômodos eram retangulares e seus espaços internos eram preenchidos por bancadas diversas, onde estavam pousados vários equipamentos. Uns pareciam estufas, enquanto outros lembravam pequenas geladeiras, analisando-se sob o ponto de vista exterior.

Percorri alguns laboratórios e interagi com pessoas trajadas de branco (espíritos). Davam-me a impressão de serem médicos ou cientistas, porém eram mais serenos do que os encarnados que atuam no Plano Físico. Não consigo recordar, com detalhamento, os diálogos que mantive com aquelas consciências. No entanto, no geral, eles estavam me apresentando o local e explicando como as coisas funcionavam ali.

Algo que me impressionou muito foi a luminosidade intensa do local, em todos os cômodos visitados. Era uma luz amarela e brilhante quase como a do sol, porém sem ferir a minha visão. Não era possível ver de onde provinha. Não era do teto, comumente como ocorre nas construções físicas. A luz se difundia por todo o local, de forma equilibrada, não havendo sombras por trás das entidades ou dos objetos.

Ao final da experiência, em especial, foquei minha atenção num homem com pele de tonalidade morena e barba negra bem modelada. Seus cabelos eram negros e ondulados. Era sereno como os demais, mas eu sentia grande familiaridade por ele. Percebi que já o conhecia há muito tempo, mantendo um diálogo com desenvoltura e naturalidade, ao dirigir-me a ele. Vestia branco como todos os outros.

Então, num rompante, falei a ele rapidamente na intenção de realizar um teste: “Vou abraçar você e, em seguida, retornaremos à Terra. Depois, quando acordarmos lá, nos comunicamos para confirmar esta experiência.” Dito isso, eu aproximei-me dele para realizar o que havia proposto. Ele apenas sorria sutilmente, em consentimento. Abracei-o e mentalizei interromper aquela viagem astral, de modo a retornar ao meu corpo físico.

Entretanto, nos últimos instantes de minha atitude, percebi que aquilo era uma bobagem, pois, afinal de contas, só eu ali era um encarnado projetado. Contudo, não foi possível interromper o processo. Logo em seguida, eu estava na minha cama, abrindo os olhos materiais.

Fiquei um pouco chateado pela minha queda de lucidez, ao final da experiência, entendendo o sorriso condescendente e compreensivo do cientista espiritual, poucos momentos antes. Fiquei um tempo parado, no leito, rememorando o que foi possível. Eu estava um tanto impactado emocionalmente, feliz pela clareza das visões espirituais daquele ambiente e, sobretudo, satisfeito pelas agradáveis sensações que aquela luminosidade quase dourada me proporcionara. Entretanto, estava também impressionado com a confusão mental ao final do acontecimento, quando tentei não retornar, ao raciocinar que o único encarnado, ali, era eu. A perda ou queda no nível de lucidez é um problema recorrente durante experiências extracorpóreas. Além disso, naquela oportunidade, mais uma vez percebera o quanto é difícil integrar o nosso "eu terreno" com o nosso "eu astral". Temos vidas e relacionamentos aqui no Plano Físico, assim como em dimensões mais sutis da vida, o que não é nada fácil unificar.

DATA: 27/08/2017

RELATO 35 – PROJEÇÃO APÓS CARTOMANCIA

No meu último dia de férias do trabalho, resolvi atender ao pedido de duas amigas, mãe e filha, para fornecer-lhes algumas orientações através do baralho cigano. Nas minhas horas vagas, sempre que possível, procuro ajudar pessoas próximas, através de algumas ferramentas oraculares.

Contudo, ao trazer pessoas com algum tipo de problema para a sua residência, geralmente se promove algum impacto bioenergético negativo para o local ou para si mesmo. Assim, à noite, embora eu tenha utilizado alguns recursos de limpeza e proteção, fui dormir um tanto "pesado" em termos vibracionais.

Logo que deitei, perdi a consciência, entregando-me a um sono profundo. Pela madrugada, fui atraído para uma localidade do Baixo Astral. Parecia ser uma área como a do Centro do Rio de Janeiro, só que com um número muito grande de moradores de rua e mendigos. Caminhava tenso pelo ambiente, acreditando que poderia ser abordado e atacado a qualquer momento. Andava e me desviava de seres perdidos ou obscuros, evitando um contato direto. Não estava surpreso de ter sido atraído para aquela região umbralina, mas estava incomodado. Com este sentimento, retornei ao corpo físico.

Fui ao banheiro e voltei para a cama. Fazia frio e logo adormeci novamente. Para meu desgosto, fui “puxado” mais de uma vez para aquela “localidade” do Umbral. Notei que havia semelhança, também, com a chamada “Zona da Cracolândia” da cidade de São Paulo. Era um ambiente desolador e que me causava forte desconforto.

Neste contexto, voltei a caminhar entre aquelas entidades perturbadas, temendo alguma agressão. Em dado instante, vi que um homem atravessou um grupo de espíritos obscuros, sem ser importunado, talvez porque carregasse algo parecido com um taco de beisebol. Automaticamente, plasmei um porrete. Passei a caminhar por ali, tentando me evadir do local, com aquela “ferramenta” plasmada, que se assemelhava a uma borduna indígena. Ninguém se aproximou de mim. Avancei e, após atingir uma outra rua, retornei ao corpo material.

Uma vez na cama, pensei: "Caramba! Preciso dormir, mas toda hora sou atraído para aquele lugar!!!" Entretanto, não demorou muito e peguei no sono. Contudo, retornei à região de baixa vibração, mais uma vez. Agora, estava na entrada de um grande prédio, que ficava num patamar mais alto que as ruas do entorno. A minha frente, havia uma grande praça um tanto suja e cheia de mendigos. Então, raciocinei que não precisava passar pelo meio daquelas entidades.

Poderia sair dali pelo alto, volitando. Assim, juntei as palmas das mãos, concentrando-me para voar naquele ambiente denso. Atirei-me sobre uma escadaria, em descida, que dava acesso à praça, mais abaixo, conseguindo voar por vários metros, ultrapassando aquele extenso logradouro.

Fiquei satisfeito por ter evitado um contato mais direto com aqueles seres desarmonizados. Não estava em condições de poder auxiliar ninguém por ali, porque, além de estar razoavelmente desgastado, percebia que eu não havia sido levado até àquela localidade por nenhum amparador. Depois de perambular um pouco pelo local, analisando alguns detalhes das construções, muito parecidas com as do Plano Terreno, despertei no corpo físico. Olhei para o relógio e concluí que já era hora de ir trabalhar...

DATA: 18/06/2018

RELATO 36 – RECUPERAÇÃO DE TIO DESENCARNADO

Naquela noite, fui me deitar sem qualquer expectativa de experiência extracorpórea. Mas, a Espiritualidade muitas vezes pretende se fazer presente e se comunicar com aqueles que estão encarnados, trazendo ensinamentos, reflexões ou notícias dos que partiram do Plano Físico. Esta última alternativa foi o que me ocorreu naquele início de mês de dezembro.

Quando dei por mim, estava dentro do que parecia ser um quarto de hospital. Era possível observar meu tio Wellington, num leito, cheio de tubos e com alguns aparelhos de suporte e monitoramento, em aparente estado de coma. Estranhei a imagem a cerca de três metros de minha posição. Aliás, era uma imagem estática. Embora bem nítida e colorida, não havia movimento. Repito que estranhei a situação, porque eu sabia que meu tio, desencarnado em 29 de janeiro de 2017, já havia despertado no Astral há algum tempo (ver relato 32, neste mesmo livro). Não poderia estar ainda em coma, do mesmo jeito que havia feito a passagem.

No entanto, a imagem a minha frente se dissolveu de repente. Agora, eu notava tio Wellington sentado mais próximo, com uma aparência bem rejuvenescida, como ele era há cerca de 30 anos. Estava muito falante e animado. Apresentava grande lucidez e ótima concatenação de ideias. Contou-me algo sobre minha mãe, que desencarnou em 1989 (ele havia tido contato com ela lá no Astral). Também comentou outras questões, que minha memória não pôde reter conscientemente. Ele parecia querer tirar o “atraso” de tanto tempo doente com o Mal de Alzheimer,

sem poder pensar direito e expressar suas ideias adequadamente.

Não demorou muito e eu estava de volta ao Plano Terreno. Não consegui permanecer muito tempo junto dele, no que parecia ser um quarto de hospital. A última imagem em minha mente foi do meu tio sentado na cadeira, falando bastante, com a cama vazia ao fundo, toda forrada de branco.

Mantive-me deitado, pensando na experiência, e lamentando que eu não estivesse com grande lucidez naquele reencontro. Mas, compreendi que a primeira cena vista por mim (aquela estática) se tratava de uma plasmagem realizada por algum mentor espiritual, ou era um registro akáshico disponibilizado pela intervenção de um amparador. Só em seguida, de fato, eu havia tido contato com o tio Wellington no Mundo Extrafísico, podendo notá-lo o melhor e constatando que se apresentava bem mais jovem. No ambiente espiritual, os desencarnados em recuperação acabam assumindo a forma e aparência cronológica em que mais se sentiam bem, enquanto estiveram na Terra.

Meu entendimento é que esta experiência foi programada e “patrocinada” pela Espiritualidade, de modo a trazer informações do tio Wellington para seus filhos e esposa no Plano Material. Por outro lado, se os leitores quiserem reler os relatos 5, 7 e 32 neste presente livro, perceberão algo bem interessante: uma sequência do desfecho da vida do meu tio, com sua posterior recuperação no pós-morte.

Outra questão que não posso deixar oculta é que, após eu apresentar esses relatos aos meus parentes, uma tia lembrou que minha genitora falecera em 29 de janeiro, ou seja, o mesmo dia e mês que tio Wellington, só que há muitos anos, na década de 80. Esta é uma curiosidade interessante e, no terceiro parágrafo deste texto, comentei que o tio recém-falecido citou minha mãe desencarnada. Talvez ele se referisse a isso...

DATA: 03/12/2018

RELATO 37 – O TREM DE PRATA

Estava lúcido em um lugar do Astral, onde havia uma “linha férrea”. Camadas vibratórias do Plano Extrafísico, quando próximas energeticamente ao Mundo Material, guardam “estruturas” e modo de funcionamento semelhantes ao que temos aqui na Terra.

Aproximei-me de um grande trem prateado e eu não estava só. Um espírito feminino me acompanhava e parecia conhecer muito bem aquela localidade. Nossa intenção era subir naquele grande veículo, embora suas portas estivessem fechadas.

Ela, com habilidade, apoiou os pés numa protuberância lateral do trem e segurou em barras externas com suas duas mãos. Eu, rapidamente, escalei aquela grande máquina extrafísica, indo parar na parte superior, onde fiquei de pé observando o entorno.

O trem logo iniciou o seu deslocamento, a princípio lentamente. Eu tinha, dali de cima, uma boa visão da linha férrea à frente e de toda a estrutura exterior alta do veículo. Notei que haviam duas barras em paralelo por ali, seguindo longitudinalmente pelo teto externo. Eu me mantinha de pé, com tranquilidade, mas a entidade que me acompanhava e que ficou próxima, na lateral, me avisou: “Se segure firme, porque vamos atingir grande velocidade. Vamos para muito longe.”

Obedeci, me deitando na parte superior do trem e segurando nas barras que me ladeavam. Não tive medo algum, pois tinha consciência de que estava no Mundo Astral. Se caísse do veículo, não me machucaria, mas poderia perder o destino daquela viagem ou me atrasar para a tarefa programada, ou ainda retornar ao corpo material. A região era densa vibratoriamente e compreendi que não poderíamos ir voando naquele ambiente. Era realmente necessário aquele transporte extrafísico.

Após pouco tempo, constatei que o espírito-guia feminino tinha completa razão. O trem atingiu uma velocidade extrema e, numa grande curva, senti meu corpo astral ser quase jogado para fora. A força centrífuga funcionava também naquela dimensão, com alguma semelhança ao Plano Terreno. Mas, não fiquei tenso, porque tinha plena ciência de que estava numa experiência extracorpórea. Eu me segurava com vigor, notando que aquela região era, de fato, bem densificada.

Depois de um período, chegamos em uma localidade tipicamente umbralina. Passamos a nos deslocar a pé. Era um vilarejo bem humilde, parecido com áreas empobrecidas da Terra. Em certo ponto do caminho, testei minha capacidade de voitar. Tive que executar uma forte concentração mental para subir do solo, aparentemente, por cerca de oito metros e, em seguida, flutuar de volta ao chão. Realmente, o lugar era bastante denso vibratoriamente. E justamente devido a esta frequência “mais pesada”, não consegui trazer memórias mais detalhadas de minhas atividades naquele ambiente. Apenas faço, a seguir, um resumo do que aconteceu no desvalido vilarejo.

Recordo de ter conversado com um garoto numa casa de tábuas. Ele usava apenas uma

bermuda rota e estava sem camisa. Tinha pele morena e sua fisionomia parecia-se com a dos indianos. Será que estive em alguma região extrafísica correspondente à Índia, ou mesmo ao Paquistão? Quem sabe... Em outras oportunidades, já estive no Japão e na Rússia.

Também me lembro de tentar voar já dentro do vilarejo. Consegui pequenos voos, mas logo voltava ao solo, devido à vibração da localidade. Numa dessas volitações, consegui sair de uma casa de cômodos, através de uma janela, para atingir ao chão novamente. Esta construção aparentemente era de uma alvenaria bem desgastada.

Outra recordação interessante foi uma breve conversa com uma mulher, também de traços fisionômicos indianos, vestida humildemente. Não lembro de movimentar meus lábios durante o diálogo, ou seja, a troca de ideias foi no nível telepático.

Bem, termino por aqui este relato, apenas assinalando que despertei em minha cama com uma sensação positiva de “dever cumprido”. Não sei exatamente qual foi o meu papel naquele ambiente, mas o mais provável é que, principalmente, “funcionei” como um doador de ectoplasma (bioenergias), pois os médiuns projetados executam esta atividade com muita frequência e, em muitas oportunidades, sem qualquer consciência do que fazem.

DATA: 18/12/2018

PARTE 3
CONCLUSÃO

UM ESTUDO EMPÍRICO

A- INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste capítulo é fornecer uma noção de como alguns fatores pessoais podem interferir, de forma decisiva, na incidência de projeções astrais conscientes. Para isso, construí tabelas que resumem a ocorrência de viagens astrais conscientes na minha vida, até o final do ano de 2018. Os dados que constam nessas tabelas foram retirados dos meus livros anteriores sobre viagem astral (“Experiências extrafísicas”, “Experiências extrafísicas II” e “Experiências extrafísicas III”), bem como da obra atual, compondo um quadro completo.

B- ABORDAGEM CRONOLÓGICA

Na Tabela 1, faço uma abordagem mais cronológica das experiências que tive. Como nasci no ano de 1968, pode-se notar que, até 1980 (fase da infância), aconteceu apenas uma projeção consciente com rememoração.

Durante a década de 80, já no seu final, tive outra experiência lúcida fora do corpo, quando eu estava no curso de graduação universitário. Somente a partir de 1992, é que pude fazer viagens astrais durante todos os anos sem exceção. Eu estava começando a me acostumar com o fenômeno, embora até 1997 ele ocorresse sem a participação da minha vontade, ou seja, era totalmente espontâneo.

Então, do final de 1998 até o fim de 1999, posso destacar que houve uma grande incidência de experiências extracorpóreas conscientes, em decorrência de eu me utilizar de técnicas de indução de viagens astrais. O ano de 1999 foi abundante nessas projeções (total de 17), pois além de ser a época que pratiquei com mais intensidade as técnicas para sair do corpo, assumi várias atitudes no meu cotidiano (leitura constante sobre o assunto; alimentação leve antes de dormir; prevenção de cansaços físico e mental antes de tentar a projeção; etc.), que favoreciam a manifestação do fenômeno.

Já no ano de 2000, houve uma queda drástica na incidência de viagens astrais (apenas três), porque tive uma série de problemas pessoais, que ocasionaram estresse e desgaste físico. Estes fatores são prejudiciais tanto para a realização de projeções conscientes em si, como reduzem a capacidade de rememoração das experiências lúcidas que temos no Astral. Em 2001, só obtive cinco experiências extrafísicas, refletindo ainda meu estado depauperado do ano anterior, que se tornara

meio crônico.

Tabela 1 - Ocorrência de viagens astrais conscientes até o ano de 2018.

Até 1980	1
Década de 80	1
1992	1
1993	5
1994	2
1995	1
1996	1
1997	1
1998	1
1999	17
2000	3
2001	5
2002	16
2003	22
2004	6
2005	3
2006	5
2007	2
2008	2
2009	3
2010	4
2011	8
2012	2
2013	7
2014	12
2015	8
2016	4
2017	3
2018	3

Em 2002, embora ainda tivesse problemas orgânicos, já havia uma reserva bioenergética, que propiciou 16 projeções conscientes. Em 2003 consegui 22 viagens astrais, o melhor ano em termos quantitativos de experiências extrafísicas, pois já estava em franco processo de recuperação de saúde.

A partir de 2004 até 2012, praticamente deixei de realizar exercícios projetivos, pois já havia conseguido experiências bastante enriquecedoras no Astral. Pensei que, a partir daquele

momento de minha vida, deixaria o fenômeno ocorrer de forma mais espontânea, pois a projeção da consciência (com rememoração) não era uma finalidade em si, mas fundamentalmente uma ferramenta de aprendizado. Então, no período de 2004 a 2012 registrei 35 projeções, que consiste numa média de quase quatro experiências por ano. O melhor ano desta fase foi 2011, com oito viagens astrais, todas tendo acontecido sem os exercícios bioenergéticos.

Na faixa de tempo entre 2013 e 2018, mantive a postura de permitir a ocorrência de viagens astrais de maneira espontânea. Deixei de lado o uso de qualquer técnica projetiva que envolvesse movimentação de bioenergias. Assim, pude constatar 37 experiências, que significam um valor médio um pouco maior que seis projeções por ano. O ano de 2014 foi destaque, com 12 viagens astrais. Desde o meu nascimento até 2018, pude acumular 149 projeções lúcidas rememoradas, revelando uma média de quase três experiências por ano de minha existência. Mas, na minha infância, realizei algumas viagens astrais não contabilizadas, cujos teores se perderam com o tempo, hoje só restando vagas lembranças.

C- ABORDAGEM CIRCUNSTANCIAL

Quanto à Tabela 2, ela exprime a ocorrência de viagens astrais não pela ótica principal da cronologia, mas sim, mais em função de circunstâncias específicas de minha vida. É possível compreender que, com o desenvolvimento mediúnicos (em 1993), favoreceu-se a incidência de projeções astrais conscientes, já que antes disso (até 1992) só realizei três experiências extrafísicas lúcidas, com rememoração.

Ainda analisando-se a Tabela 2, pode-se identificar o que chamei de “Fase exclusiva mediúnica” (1993 até meados de 1998), quando ocorreram 10 viagens conscientes, sem o uso de técnicas indutivas de viagem astral (até porque eu desconhecia que existia esta via). Assim, volto a dizer que a dedicação à Espiritualidade pela via mediúnica facilitou, para mim, a ocorrência do fenômeno das experiências fora do corpo.

Contudo, um resultado bem interessante assinalado na Tabela 2, é que o período “Uso intensivo de técnicas de indução” aponta a ocorrência de 18 viagens astrais. Ou seja, depois que passei a praticar intensivamente técnicas para me projetar conscientemente, obtive 18 experiências lúcidas em pouco mais de um ano, o que consistiu em cerca de 58% de tudo o que eu havia conseguido ao longo da minha vida, até o final do ano de 1999.

No chamado “Período da fragilidade” (Tabela 2), que se deu de 2000 a 2001, houve correspondência com uma série de problemas de ordem pessoal, que ocasionaram estresse, desgaste

físico e distúrbios na saúde (gastrite, insônia e labirintite). Dentre os problemas pessoais originadores do desequilíbrio, posso citar que estava na fase conclusiva da minha tese de doutorado, somando-se a um excesso de atividades em minha empresa, bem como não abri mão de ainda realizar práticas espiritualistas intensas, no centro que frequentava à época. Desta forma, o “Período da fragilidade” só me permitiu a realização de oito projeções astrais, num intervalo de dois anos. Próximo ao final deste período (segundo semestre de 2001), tive que me afastar do centro espiritualista, onde eu labutava há quase oito anos (desde de 1993).

Então, cheguei ao que denominei “Período de recuperação” (Tabela 2), que transcorreu de 2002 a 2003. Nesta fase, eu me dedicava apenas ao meu trabalho material e ao restabelecimento da minha saúde. Assim, mesmo realizando poucas práticas bioenergéticas projetivas, obtive 38 experiências extrafísicas de qualidade. Somente em 20% dessas experiências realizei, antes, alguma técnica de indução de viagem astral. As demais (80%) ocorreram sem aplicação de técnica alguma. É evidente que as narrativas dos relatos revelam que há, no meu caso particular, uma grande interferência (direta ou indireta) do meu vínculo ao assistencialismo espiritualista. Em outras palavras, provavelmente, muitas das minhas projeções astrais foram “patrocinadas” por amparadores da egrégora espiritual a qual estou associado. Creio que se eu tivesse mantido a disciplina nos exercícios bioenergéticos projetivos, neste “Período de recuperação”, poderia ter conseguido uma maior incidência de viagens astrais conscientes.

Bem, ao final do “Período de recuperação”, mais exatamente em 25 de outubro de 2003, fundei com alguns amigos o Grupo Espiritualista Francisco de Assis (que funcionou até 2010). Tornei às atividades práticas mediúnicas, quase totalmente refeito dos problemas orgânicos que tivera. Também ao final de 2003, assumi um cargo de chefia em minha empresa. Então, entre 2004 e 2012, que denominei “Período de foco terreno”, sobretudo pelas preocupações mais intensas no meu trabalho material, somadas a outras questões de ordem prática, ocorreram 35 experiências extrafísicas. Considerando que este período teve nove anos, houve uma média de pouco menos de quatro viagens lúcidas por ano. Foi uma média baixa, que também pode ser explicada pela quase ausência de exercícios projetivos de minha parte, durante esta fase. O que ficou evidente, ao se ler com atenção os relatos deste livro, é que boa parte das projeções tiveram uma motivação de assistência a outras pessoas (encarnadas e desencarnadas), ou seja, provavelmente houve uma ajuda intensiva dos amparadores para a ocorrência do fenômeno.

Entre 2013 e 2018 voltei à atuação mediúnica frequente e regular. Integrei-me, em 2014, a um centro espiritualista com o predomínio da corrente umbandista, atuando como médium de consulta. Saí da referida casa em 2018, para auxiliar o velho amigo Néelson Vilhenna. Mas, no geral,

esta “fase de retorno à mediunidade intensiva” (Tabela 2) foi relativamente prolífica em experiências extrafísicas, muitas delas no sentido do assistencialismo. Foram 37 viagens astrais neste período de seis anos, resultando em seis episódios por ano em média. Nesta fase, mantive a minha atitude de não realizar técnicas de indução de projeção astral, constatando, mesmo assim, uma expressiva ocorrência do fenômeno espontaneamente (sem a minha intenção).

Ao final desse estudo empírico, sinto-me à vontade para apontar que a associação de uma regularidade de práticas projetivas com a dedicação à Espiritualidade, podem promover a ocorrência de experiências fora do corpo bastante enriquecedoras. No entanto, é claro que não há fórmulas “mágicas” e “certeiras” para se ter consciência no Astral, rememorando-se as atividades extrafísicas, já que isto depende de uma série de fatores intrínsecos ao indivíduo, bem como do meio em que ele vive. Contudo, entendo que combinando-se as duas práticas citadas, aumenta-se a probabilidade de realizar projeções lúcidas da consciência, com rememoração.

Tabela 2 - Ocorrência de viagens astrais conscientes conforme a circunstância.

Antes do desenvolvimento mediúnico (até 1992)	3
Fase exclusiva mediúnica (1993 até meados de 1998)	10
Uso intensivo de técnicas de indução (final de 1998 até 1999)	18
Período da fragilidade (2000 a 2001)	8
Período de recuperação (2002 a 2003)	38
Período de foco terreno (2004 a 2012)	35
Retorno à mediunidade intensiva (2013 a 2018)	37

PALAVRAS FINAIS

Caros amigos leitores, espero que este livro tenha sido útil. Gostaria de deixar registrado que este trabalho de divulgação da projeção astral não acaba por aqui. Pretendo dar continuidade a esta tarefa, através de uma ou mais obras, enquanto eu estiver no Plano Terreno. Compreendo que não devemos esconder experiências de expansão consciencial. É preciso compartilhar, para despertar no próximo o desejo de alargar os próprios horizontes, já que, no fundo, ninguém cresce sozinho. Somos todos interdependentes. Espero reencontrá-los, em algum momento, mais à frente e que possamos caminhar juntos, mais alguns passos, nesta infinita jornada evolutiva. Abraço fraterno e sincero a todos.

Pablo de Salamanca